



biblioteca escolar



ano 6 • número 4 e 5 • março&abril | maio&junho 2008

Literatura & Liberdade

A Biblioteca Municipal de Cabeceiras de Basto (distrito de Braga) adoptou, a 26 de Abril, um nome: "Dr. António Carvalho".

Trata-se de um cabeceirense recentemente falecido que, em vida, se dedicou à cultura e às gentes da sua terra. Das razões da homenagem falaram, na ocasião, as pessoas mais habilitadas.

Eu fui convidado, pela autarquia local, para discursar, na condição de professor e de "homem de letras" (*sic*). Mas estive ali sobretudo como (reconhecido) amigo dos livros - e filho e vizinho e cúmplice e amante da literatura.

Também, já agora, enquanto devoto da Liberdade.

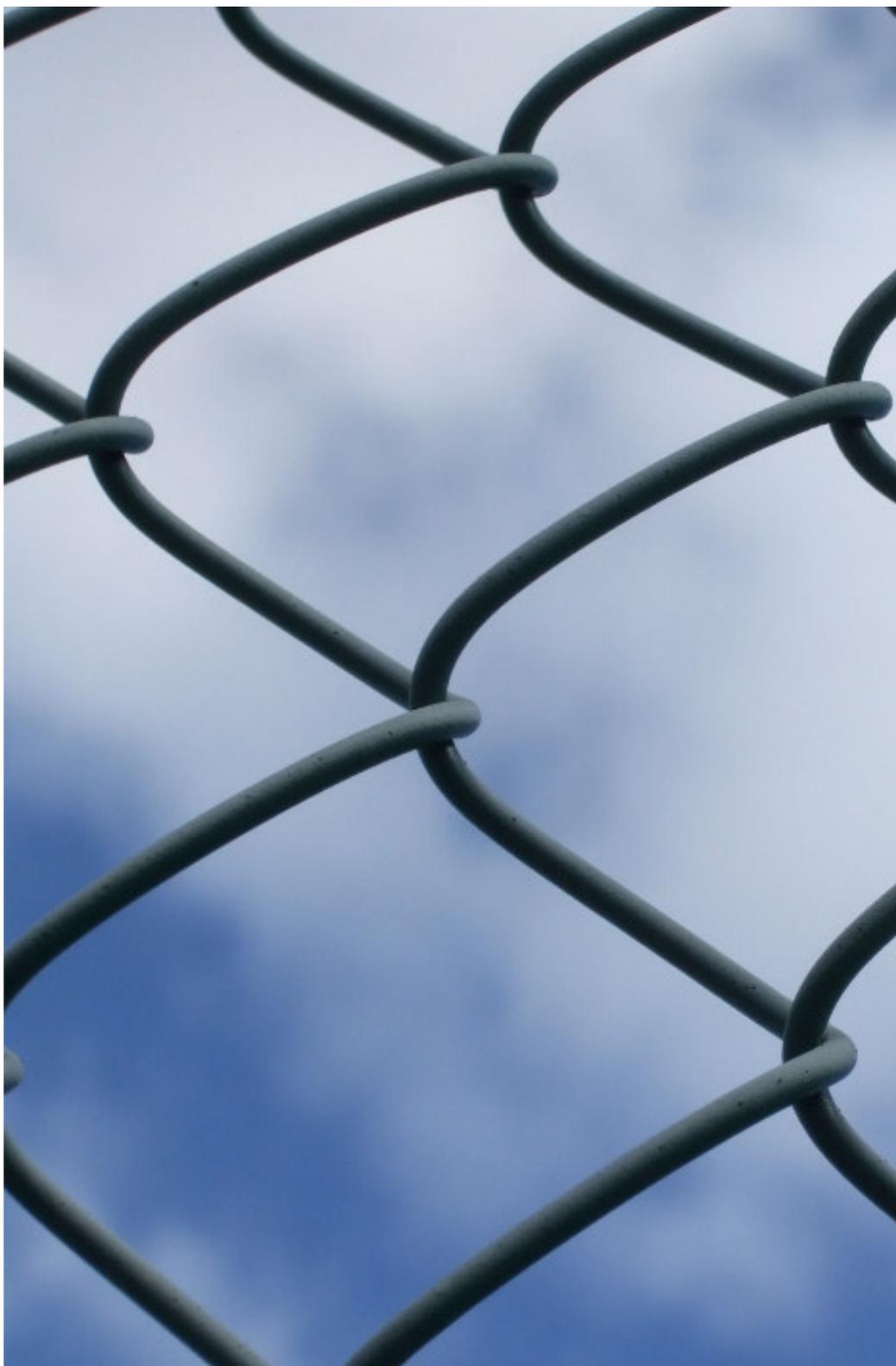
A minha contribuição para esta cerimónia teve a ver com o país dos livros e com o país da liberdade onde vivo. Vejo estes dois países como um só, e não apenas meu. Um país nosso. Dentro de uma biblioteca não há estrangeiros. O mapa, se estiverem de acordo, tem a forma de coração.

Declaração de interesses:
Eu gosto muito de bibliotecas.

Quando, em 1982, fui para a Faculdade de Letras, perante tantas raparigas e tantos livros, cheguei a pensar que era ali o paraíso. Sabendo do facto de o curso ter apenas quatro anos, tratei de conquistar a rapariga mais formosa de todas e de construir uma biblioteca em minha casa. É assim que tenho frequentemente, no aconchego do meu lar, experiências de um paraíso próximo do Génesis. A minha mãe ou os meus sogros fazem de Deus. O Diabo são as contas, as derrotas do Sporting ou ataques à minha dignidade profissional.

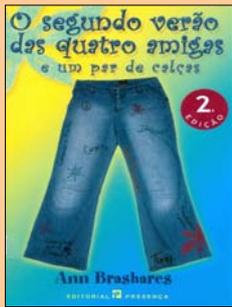
Por motivos académicos, tive de ler recentemente dois livros que punham em questão – cada um a seu modo – o papel e a importância da literatura, nos dias de hoje.

[P.10]

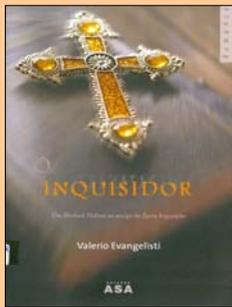


novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA



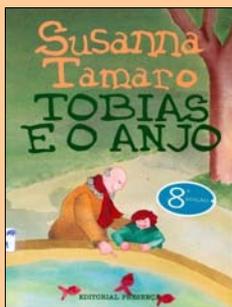
O segundo verão das quatro amigas



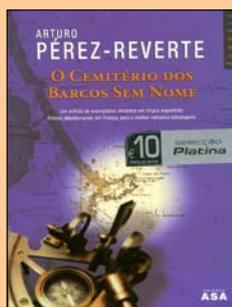
O INQUISIDOR



TÉCNICAS DE EXPRESSÃO ORAL



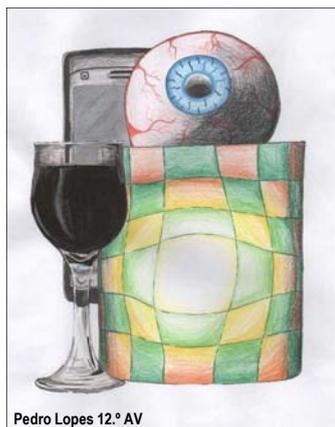
TOBIAS E O ANJO



O CEMITÉRIO DOS BARCOS SEM NOME

- LITERATURA & LIBERDADE 01
- NOVIDADES.EDITORIAL. EQUIPA DA BIBLIOTECA ESCOLAR. DINAMIZAÇÃO 02
- NOVIDADES. SUGESTÕES DE LEITURA 03
- NOVIDADES. SUGESTÕES DE LEITURA 04
- NOVIDADES. SUGESTÕES DE LEITURA 05
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 06
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 07
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 08
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 09
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 10
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 11
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 12
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA 13
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 14
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 15
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 16
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 17
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 18
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 19
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 20
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE OUTROS EVENTOS 21
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 22
- NOVIDADES. DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA 23
- NOVIDADES. ESP@ÇO INTERNET 24

sumário
A CORES NA WEB PARA DOWNLOAD EM FORMATO PDF



Pedro Lopes 12.º AV

EDITORIAL

Quase no final desta nossa viagem, passámos por paragens tão diversas como a Semana Nacional da Leitura, em Março, com toda a festa que se fez em torno dos livros e das diferentes leituras que deles se podem fazer. Houve palestras com escritores locais, a Biblioteca saiu à rua ...de novo!, o *Bookcrossing* aconteceu, a escola vestiu-se com as frases que os alunos participantes na II Olimpíada da Língua Portuguesa criaram, incentivando o gosto pela leitura, ofereceram-se marcadores de página, comemorou-se o Dia Internacional da Mulher com surpresas para os elementos do sexo feminino desta escola. A festa aconteceu nos locais mais inesperados, com animações de rua por alunos do 11.º e 12.º ano.

Em Abril, outras actividades relacionadas com o Plano Nacional de Leitura aconteceram. Assistimos, juntamente com todos os alunos do 12.º ano do concelho, à representação de uma adaptação da obra de José Saramago, *Memorial do Convento*, ao teatro, com o apoio e patrocínio da Câmara Municipal de Cantanhede.

Finalmente, em 9 de Maio, aportámos, à noite, no Café-concerto onde felizmente houve... poesia dita, cantada, dançada, encenada por 72 participantes, entre eles 66 alunos de várias turmas dos 10.º, 11.º e 12.º anos, Associação de Pais, Auxiliares de Acção Educativa, Departamentos de Línguas Românicas e de Expressões, num espectáculo concebido e coordenado pelo professor Paulo Melo, coadjuvado pela professora Carmo

Teixeira (na área da expressão coreográfica) e pelo professor Aurélio Malva (na área musical), numa organização conjunta da equipa da Biblioteca Escolar e da Associação de Pais e Encarregados de Educação desta escola. Participou ainda, ao piano, o professor Miguel Dias, da Escola Básica com 3.º Ciclo da Mealhada.

O Polivalente da Escola encheu-se com cerca de 200 pessoas que se abriram aos sons, textos, apresentações em PowerPoint, encenações dançadas, momentos de expressão corporal, alguns a partir de textos e músicas inéditas, outros de autores consagrados.

Vários foram os patrocinadores deste Café-concerto, desde o Intermarché de Cantanhede à Lançonete da Rotunda, da Espiga de Ouro à Flor de Cantanhede, da Delta Cafés, à Compal e à Rodrigues de Oliveira.

A nau em que navegamos está, assim, plena de novas experiências, de encontros com novas gentes que vão enriquecendo esta viagem.

Se o mar nem sempre está calmo, um farol nos guia – a nossa missão e função essencial numa Escola (entre outras), a de motivar acima de tudo para a leitura, a de promover as literacias e a de ser suporte das actividades curriculares, extracurriculares e de complemento curricular da Escola.

Vamos seguir de novo viagem... até à vista!

■ Clara Póvoa

MARÇO@JUNHOEMANIMAÇÃO

11MAR	10ABR	18ABR	09MAI
Exposição	Exposição (12.º CT3)	Exposição (12.º CT3)	Café Concerto
As lutas de Vieira	Cancro da Pele	Anorexia e Bulimia	Felizmente... há Poesia

Equipa da Biblioteca Escolar:
Professores: Clara Póvoa, Esmeralda Rodrigues, José Paixão e Paulo Melo.
Funcionários: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo.
Professores Colaboradores: José Ramalho e Lorival Parente.

Colaboração neste número:
Professores: Ana Costa e Silva, Carlos Catarino, Joaquim Jorge Carvalho, Leonor Melo, Luísa Rosado, Lurdes Boavida, Madalena Toscano, Nídia Malheiro e Sofia Cartaxo.
Alunos: Ana Matilde, Bianca Miranda, Cátia Pereira, Cristiana Gomes, Guilherme Silva, Inês Dias, Inês Henriques, João Sobral, Mafalda Simões, Martinique Nunes, Pedro Letra, Pedro Lopes, Rita Cruz, Sara Gomes, Sara Walton e Vânia Fonseca.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CANTANHEDE
COMPLEXO ESCOLAR, RUA LUÍS DE CAMÕES, 3060-183 CANTANHEDE
TEL: 231 419 569, FAX: 231 420 340 - CONSELHO EXECUTIVO: esc-executivo@sapo.pt, www.esec-cantanhede.rcts.pt
FOTOGRAFIA DA CAPA: PEDRO FRAGOSO LOPES, 12.º AV

SUGESTÕES DE LEITURA

novidades

«LITERACIA FAMILIAR»

Lurdes Mata / Porto Editora, 028 MAT

«Os trabalhos de literacia emergente têm evidenciado o papel activo e participante que cada criança desempenha no processo de descoberta, apreensão e aprendizagem da linguagem escrita. Neste sentido tem-se verificado que os vários contextos onde a criança está inserida (família, jardim de infância, escola, etc.) têm papéis diferentes neste processo, mas todos importantes, pois são complementares. Partindo desta concepção, o trabalho apresentado neste livro debruça-se sobre um destes contextos: a família. Assim procurámos não só caracterizar as práticas de literacia do dia-a-dia desenvolvidas em contexto familiar, mas também identificar os benefícios que as crianças em idade pré-escolar podem retirar, pelo facto de observarem e/ou serem envolvidas, de forma natural, contextualizada e significativa, nestas práticas de literacia das suas famílias.»



«CRIATIVIDADE PRECISA-SE»

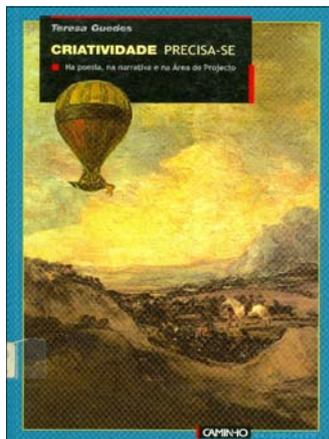
Teresa Guedes / Caminho, cota: 82.0 GUE

«Este trabalho pretende ir ao encontro de três preocupações dos professores de Português quando querem activar a imaginação dos seus alunos, tendo em vista a criatividade:

Como gerir a coexistência de «bons e maus alunos» numa mesma turma com a produção criativa de textos narrativos? Deve continuar-se com os temas mais «clássicos» ou aventurar-se para composições mais originais? Ou criar uma intersecção entre ambos?

Como abordar o texto poético de forma a cativar esses alunos tão diferentes? ...

... Estas preocupações só se desvanecerão praticando, exercitando frequentemente a escrita. Nesse sentido, poderão ser encontradas neste livro uma gama de opções tanto para o professor na preparação das aulas como para os alunos se quiserem praticar por iniciativa própria.»



«COMPOSIÇÃO — OH, NÃO!»

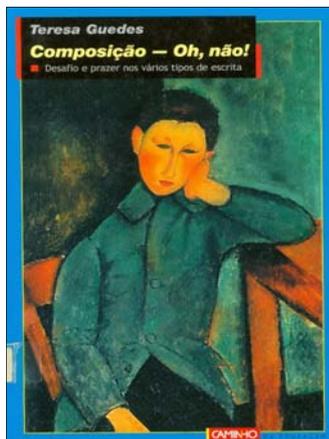
Teresa Guedes / Caminho, cota: 82.0 GUE

«Pretende-se, com este livro, provocar uma mudança de atitudes nos alunos (e professores) em relação à escrita, no sentido de combater apatias, rejeições, bloqueios e rotinas, patentes na expressão tão espontânea dos alunos: Composição — Oh, não!

É que cada vez mais se aponta para uma coexistência pacífica entre o cumprimento do programa da disciplina de Português e um imperativo de criatividade.

Daí que se torne essencial uma renovação a nível da escrita, que só se conseguirá praticando, pois não se nasce necessariamente criativo ...

... Este livro surge após vinte anos de observação das semelhanças e diferenças dos alunos, no momento da escrita; daí destinar-se não só aos alunos «fracos» mas também aos alunos fortes em imaginação, para os quais ela deve ser, na escola e em casa, alimentada diariamente!»



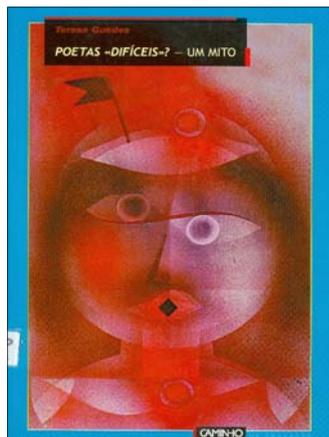
«POETAS «DIFÍCEIS»? — UM MITO»

Teresa Guedes / Caminho, cota: 82.0 GUE

«Das obras da autora, que têm subjacente a temática da Poesia, será de referir que esta se diferencia pelo facto de incidir nos receios e rejeições de educadores em relação a poetas específicos, rotulados de inacessíveis para alunos.

É necessário que os professores deixem de catalogar os poetas e os poemas como «fáceis» ou «difíceis», e reconheçam, em vez disso, que há tarefas simples ou complicadas a partir de um poema. Um autor pode apresentar vários poemas que oscilem entre a complexidade e a simplicidade.

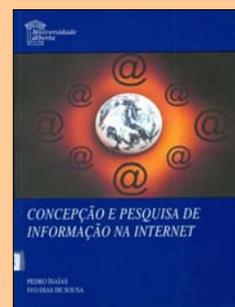
Optou-se por uma metodologia que agrupou vários poemas do mesmo autor, para que fossem visíveis esses cambiantes. Recorreu-se, por um lado, a uma simplificação de actividades quando existiam poemas mais densos e, por outro, a uma organização de tarefas mais elaboradas, para poemas mais transparentes. Desvanece-se, assim, a ideia de que há poesia específica para os mais novos.»



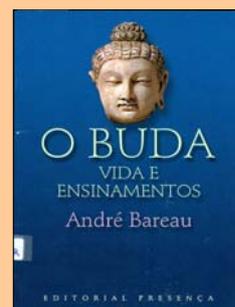
Os Novos Desafios do Trabalho Social



A REPÚBLICA DOS SONHOS



CONCEPÇÃO E PESQUISA DE...



O BUDA, VIDA E ENSINAMENTOS



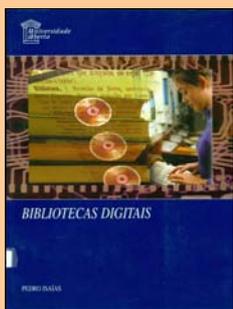
O Livro Misterioso

novidades

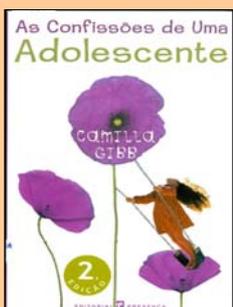
SUGESTÕES DE LEITURA



AUDITORIA FINANCEIRA...



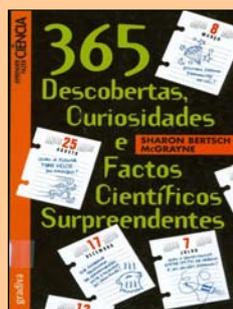
BIBLIOTECAS DIGITAIS



As Confissões de Uma Adolescente



EXERCÍCIOS PRÁTICOS RESOLVIDOS



365 Descobertas, Curiosidades e...

Alguém sabe do João?

O livro *Alguém sabe do João?*, de Maria Teresa Maia Gonzalez, retrata a vida de um jovem chamado João, com a nossa idade, que foi obrigado a crescer rapidamente e a aprender por si coisas que ninguém lhe podia ensinar ("o mais forte é aquele que aguenta, firme, a verdade, a solidão e a dor"), pois de um momento para o outro tudo em seu redor se desmoronou, já que o seu melhor amigo morreria e o culpado deste trágico final tinha sido o próprio João.

Todos o julgavam maluco, mas a culpa nunca poderia ser dele: todos menos o João poderiam ter matado Guilherme (o melhor amigo).

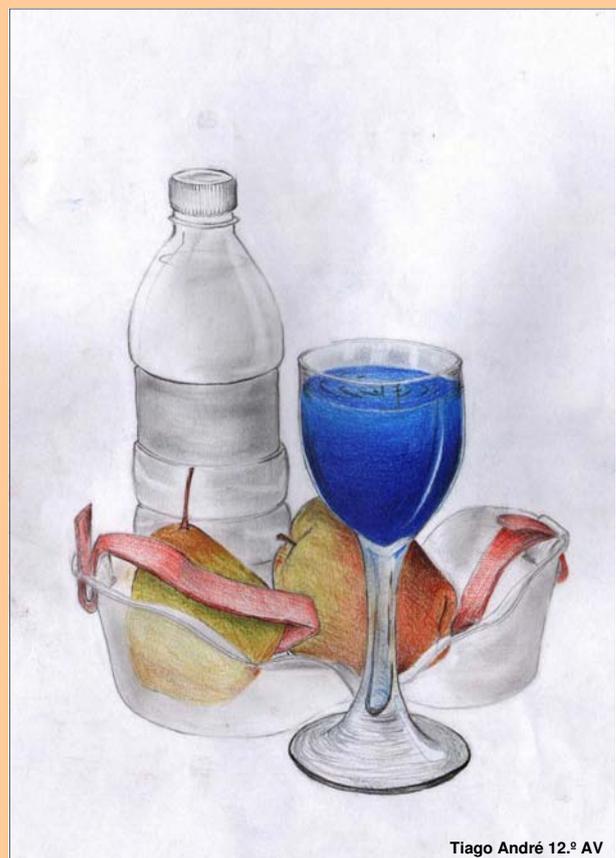
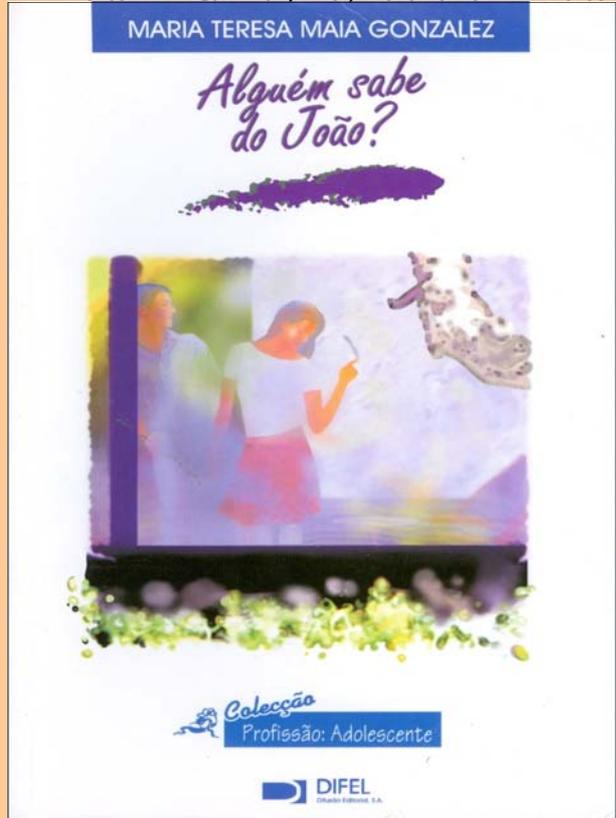
Então, os pais puseram-no num internato...

Porque é que deverias ler este livro?!

Bem, eu li-o por gosto e, se o fizeres, também vais gostar. Aprendi muito com ele, pois não é só a personagem principal que nos prende: todas as situações que se atravessam na vida do João nos ajudam a perceber melhor o Mundo. A fúria de um jovem que vai contra o seu melhor amigo provocando o que todos tentam esconder também choca com a vida de uma menina autista, que parecia ter criado um mundo para si própria e que vivia nessa fantasia como a personagem principal; e de um menino com os pais separados (pois sofriam de violência doméstica) que tinha um irmão com problemas de drogas.

Tudo isto está presente na nossa sociedade e é por isso que aconselho vivamente a leitura deste livro que me deu tanto prazer a ler.

Maria Teresa Maia Gonzalez / Difel, brevemente na Biblioteca

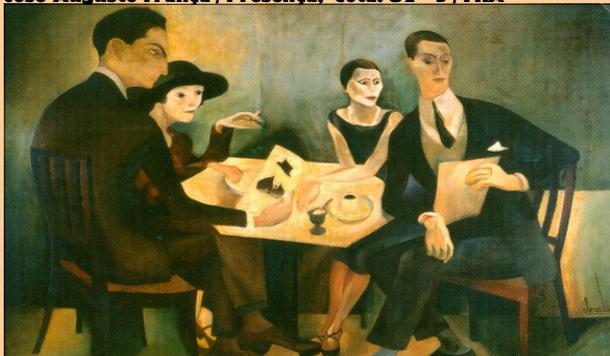


Tiago André 12.º AV

SUGESTÕES DE LEITURA

novidades

José-Augusto França / Presença, cota: 82 - 3 / FRA

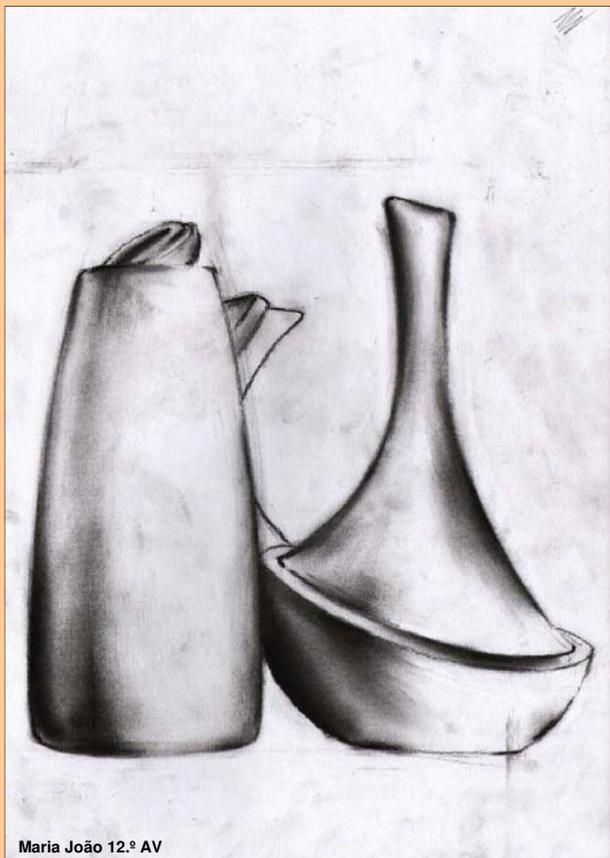


José-Augusto França

JOSÉ E OS OUTROS

ALMADA E PESSOA
romance dos anos 20

EDITORIAL PRESENÇA



Maria João 12.º AV

José e os outros

Este José é nada mais nada menos que José de Almada Negreiros, escultor, pintor, escritor, poeta, um dos membros do *Orpheu*, o autor do mais conhecido retrato de Fernando Pessoa.

E é exactamente isso que o subtítulo nos diz: "Almada e Pessoa romance dos anos 20".

Nesta obra encontramos documentação sobre tudo o que fez história naqueles anos 20: toda a cidade de Lisboa, o Chiado, as casas de chá como a Benard, a Marques ou a Garrett. Assistimos ao desenrolar da vida artística de Almada Negreiros: a sua participação no *Orpheu*, o seu *Manifesto Anti-Dantas*. Perpassa diante dos nossos olhos a vida cultural da cidade de Lisboa: a exposição de Amadeo de Sousa Cardozo, em 1916, a travessia aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o "nascimento" literário daquele que, posteriormente será o escritor oficial de Salazar, António Ferro. Referência às revistas que então fizeram época: para além do *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Athena*, a *Seara Nova*. Esta obra é ainda um documentário sobre a vida cultural da cidade: peças de teatro que se viam: *A Casa Encantada*, *D. João* e *a Máscara*, o foxtrot que se dançava, o ballet russo que fazia furor na capital, a jovem actriz de 16 anos que então se estreava e que dava pelo nome de Maria Sampaio. Aparecem na obra todos os escritores contemporâneos: João Ameal, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, assim como os políticos: António José de Almeida, Afonso Costa e jornais como o *Diário de Notícias* ou o *Diário de Lisboa*.

Temos o próprio auto-retrato de Almada, que se apresenta com uma boina enterada na cabeça e as referências repetidas aos seus olhos como uma espécie de imagem de marca.

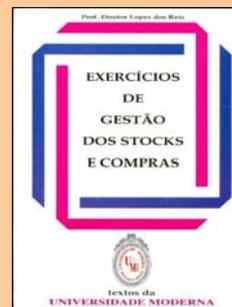
Interessante a frase "a única cidade que havia", tratando-se de Paris, cidade onde Almada viveu durante uns tempos, num quarto que "on n'a pu le faire plus petit", sugerindo-nos com muita clareza a importância fundamental de Paris para os artistas de então.

Impossível dar uma ideia completa do que este livro significa em termos de informação sobre a época de Almada e dos seus amigos, uma vez que se trata duma obra densa, em que as informações se sucedem a um ritmo que é difícil abarcar e até seguir.

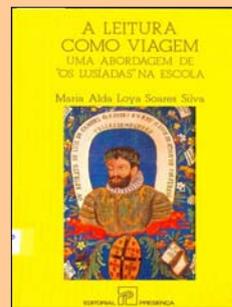
Quem já tenha alguns conhecimentos sobre estes anos, estes factos e estas personagens, poderá alargá-los e até, eventualmente, servir-se deles como base para futura investigação.

Para os mais desprevenidos, é uma leitura difícil e mesmo confusa.

■ Lurdes Boavida



EXERCÍCIOS DE GESTÃO DOS...



A LEITURA COMO VIAGEM...



O Livro de Manuel e Camila



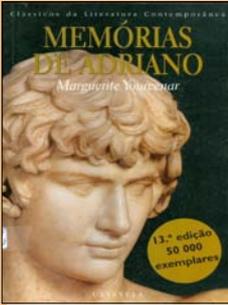
A idade não conta



Às duas por três

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



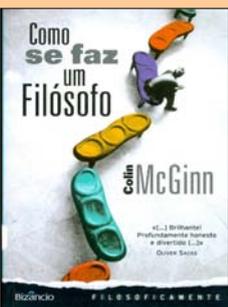
MEMÓRIAS DE ADRIANO



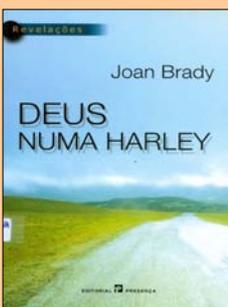
O GUARDA DA PRAIA



OS HERDEIROS DA LUA DE JOANA



Como se faz um Filósofo



DEUS NUMA HARLEY

O mundo à nossa volta

7 de Março - 8.30 – Tão tarde? Sim, lembrem-se que o atelier no Oceanário é só às 13 horas. Ainda têm muito tempo para almoçar e passear um pouco no Vasco da Gama. Óculos de sol a desafiar o dia que se adivinhava. E que belo dia... uma ode à vida, como costumamos dizer. Sabem porque é que eu não gosto de os usar? Pela simples razão (tonta, talvez!) de gostar de apreciar a clareza do dia na sua plenitude. "Não deve bater bem da bola!" Ena pá! Aquele autocarro é para nós?" Parece que sim e veio de longe... da Murtosa. Pena foi que a simpatia do condutor não fosse proporcional. Ou seria por causa do autocarro que o condutor era assim? Eterna dúvida.

Não quero ninguém a comer no autocarro!" Paragem para café e para... já adivinharam. "Oh meninos, é só fumar! Credo! Parecem chaminés." Isto nas estações de serviço é tudo caro e o café nem é nada de especial!

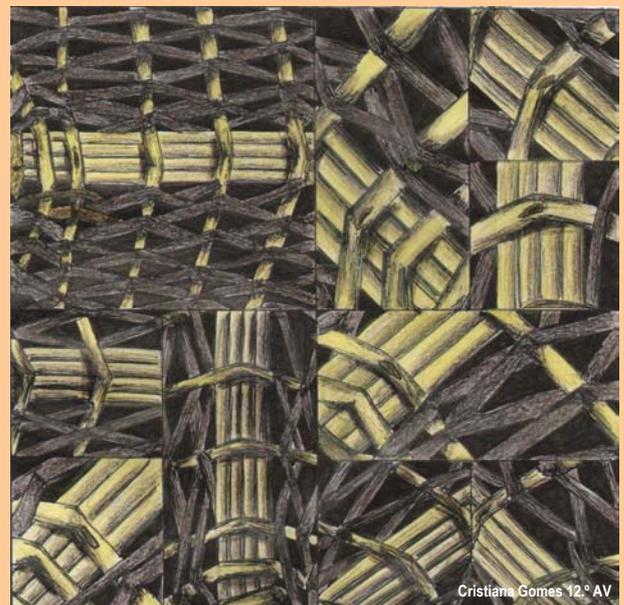
Rumo a Lisboa. Gare do Oriente. Como é que nós deixamos depois as mochilas? Eu não fico aqui sempre. Se quiserem estipulamos uma hora e vêm cá trazê-las. Razoável. Bem, o melhor é só levarem o que precisam e andarem com as coisas. Isto de andar para trás e para a frente é muito cansativo. Meninos, agora podem ir comer e às treze horas estejam em frente ao Oceanário. Não comam coisas que vos ponham mal dispostos. Cuidado com as bebidas. Em pouco tempo desapareceram e apareceram ... ora aqui...ora ali... eu hoje só como peixe. É Sexta-feira ... Pode ser o cherne para os dois... e que saboroso...

O tempo esfumou-se. Horas de ir para o Oceanário. Dois grupos, dois guias... Afinal o atelier nem foi "seca", aprendemos que o Aquecimento Global não é invenção, é real, está aí com todas as consequências nefastas para a humanidade. O que podemos fazer? Muita coisa! O teste que fizemos é disso prova. Em pequenos gestos do dia-a-dia podemos reduzir emissões de CO2. E os vídeos eram giros...mas o melhor estava para vir. Observar os peixes no aquário central e nos diferentes tanques (representativos dos oceanos) com alguém a explicar

[P.07]



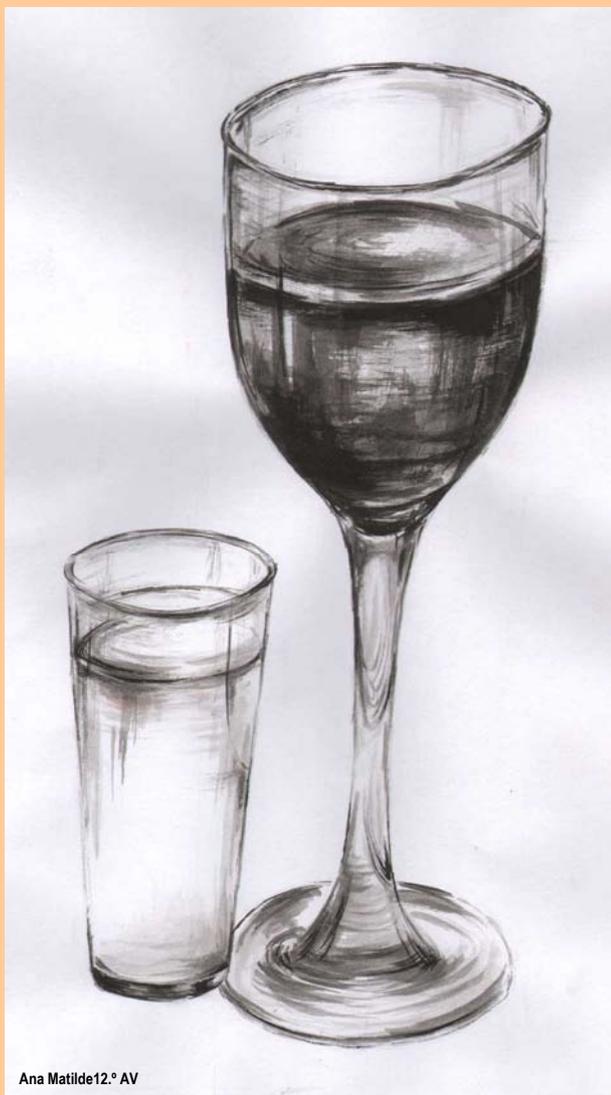
Ana Matilde 12.º AV



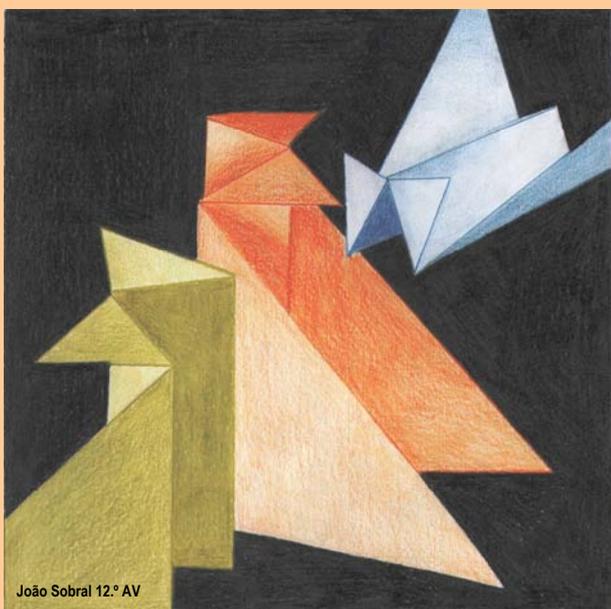
Cristiana Gomes 12.º AV

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



Ana Matilde 12.º AV



João Sobral 12.º AV

[P.06]

e a tirar dúvidas é outra coisa.

E depois há os pinguins, as lontras, os peixes tropicais, os tubarões, o peixe-lua,... enfim... e à saída ainda mais informação sobre como preservar os oceanos. Pausa para compras e ... Não me digam que vieram de Cantanhede para jogar às cartas na esplanada do Oceanário? Mais vale isso que fazer outras coisas! Vá ... vamos a uma foto de grupo ... Os profissionais e os professores. Andem lá! Vejam lá se não estamos belos?

Rumo ao Museu da Electricidade. Hora prevista de chegada: 16.30; hora real de chegada: 17h ... o trânsito na cidade condiciona sempre. De novo dois grupos: os Técnicos de Manutenção Mecânica com um guia, e os Técnicos de Contabilidade com outro (outra, muito simpática, diga-se). A informação dada é adequada aos diferentes currículos. Se ao primeiro grupo interessaria informação mais específica no âmbito da electricidade e mecânica, ao outro interessaria informação mais geral, nomeadamente a que diz respeito à protecção do meio ambiente. Visita bastante interessante e oportuna para o cidadão comum. Não faltou a história da central, o modo como funcionava, os operários que parecem estar a trabalhar e até falam, as experiências, a interacção com o visitante, enfim, nada é deixado ao acaso.

Hora de partir depois de uma tarde bastante preenchida. Trânsito de Sexta-feira ... um pandemónio. Impaciência, muito barulho... "Assim, quando é que chegamos a casa?" Calma meninos. Aproveitem para jogar as cartas, para jogar PlayStation,... Quando paramos? Estou aflito! Vamos lá ver. Pausa de dez minutos apenas. Comam em casa que na viagem já é impossível. Hora de chegada: 22 horas. Tarde, bastante tarde. Carros que chegam, carros que partem, telemóveis para trás, vou com ela de boleia, ... Que bom é partir, que bom é chegar. Aposto que foram poucos os que nessa noite saíram. Ou estarei enganada?

Sentimento de alívio. Tudo está bem quando acaba bem.

■ Ana Costa e Silva



À BOLEIA COM ISAAC NEWTON



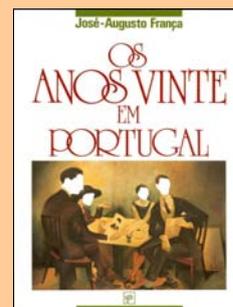
COMO SE FAZ UMA TESE



O Século das Mulheres



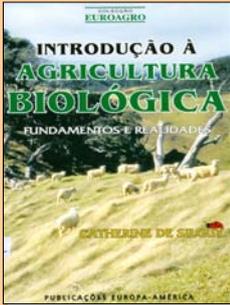
O CLUBE DESPORTIVO POPULAR



OS ANOS VINTE EM PORTUGAL

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



INTRODUÇÃO À AGRICULTURA...



O Terramoto de Lisboa e a Invenção...



Zapping



Uma mãe quase perfeita



A IGNORÂNCIA

Viagem de Estudo

Com o ambiente na consciência

No dia 7 de Março de 2008, os alunos das turmas 10ºLH e 11ºCSH da Escola Secundária de Cantanhede, acompanhados pelos professores Isabel Bernardo, Rui Feteira e Célia Neves, realizaram uma visita de estudo à Faculdade de Letras para assistirem a parte de um colóquio, organizado pela Associação de Professores de Filosofia, subordinado ao tema *Com o ambiente na consciência: a responsabilidade ambiental*.

Assistimos a quatro intervenções: duas comunicações de fundo realizadas pelas professoras Helena Freitas e Maria José Varandas e duas comunicações livres, proferidas por Filipe Alves e Ana Maricato.

A professora Helena de Freitas, bióloga e directora do Jardim Botânico de Coimbra, apresentou uma série de dados que mostram o impacto negativo da acção do homem sobre a natureza, sublinhando a existência de problemas vários que vão desde a erosão dos solos, às alterações climáticas, das emissões de CO2 ao sobreaquecimento global, etc. Fez, assim, um enquadramento empírico das questões filosóficas em discussão. A reflexão filosófica propriamente dita começou com a intervenção da professora Maria José Varandas, a qual, tendo como ponto de partida as questões: **“Qual é o valor que devemos atribuir à Natureza? Qual é o valor da Natureza e das entidades não Humanas? Que obrigações temos para com as gerações futuras?”**, apresentou várias éticas ambientais: as antropocêntricas (pensam os problemas ambientais a partir do interesses do Homem) e as não antropocêntricas, como o biocentrismo e o ecocentrismo que pensam a relação Homem-Natureza sem dar a primazia ao Homem. Por fim, apresentou o Ecofeminismo que relaciona a exploração da Natureza com a exploração da mulher, pois



DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



M.ª João 12.º AV

[P.08]

assentam ambas numa lógica de exploração do masculino.

Nas comunicações livres, Filipe Alves procurou alertar os jovens para o facto de a responsabilidade ambiental implicar a passagem da reflexão e do conhecimento prático à acção. Assim, mostrou que podemos preservar o ambiente de uma forma individual, reciclando, por exemplo, ou de forma colectiva, através da participação em projectos ambientais, pois pequenas acções podem ter um grande impacto, visto que responsabilidade, ambiente, cidadania e educação são assuntos que se relacionam uns com os outros. Por fim, Ana Maricato procurou mostrar que a ética ambiental é uma extensão das éticas do cuidado pelo outro (por exemplo de Hans Jonas) e que o seu desenvolvimento se adquire através da educação.

E porque o nosso tempo tinha terminado, tal como a Cinderela, tivemos que sair ainda com o Colóquio a decorrer e ao som das palmas do restante público que muito apreciou a ida de alunos do ensino secundário a esta actividade.

■ Bianca Miranda

Cinzas

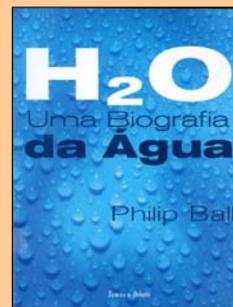
Já não há nada. Palavras, calor, carinho, amor. Tudo voou, acabou.

Trocaste os anos pelo silêncio, as minhas mãos por outra. Agora, resta apenas a tua imagem, o sentimento perdido de pertença nas contas que tão vivamente contornavam o meu pulso. Restam as cinzas da paixão.

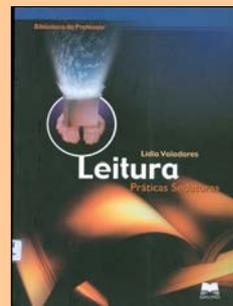
Já não ouvimos a mesma canção. Esperei por um "Adeus", espigado e quebradiço, mas dentro de ti nada o chamou. O verde perdeu-se como a noite que recebeu o triste Outono.

Murcharam-se as lembranças e em mim bombeia a dor. Já não tenho nada para dar.

■ Sara Walton



H₂O, Uma Biografia da Água



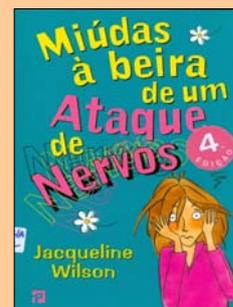
Leitura, Práticas Sedutoras



OS ADOLESCENTES E OS PAIS



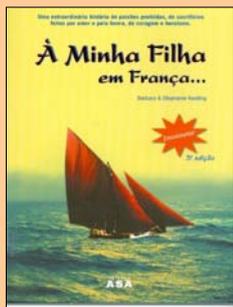
Amanhã perdoote



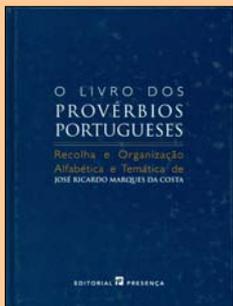
Miúdas à beira de um Ataque de...

novidades

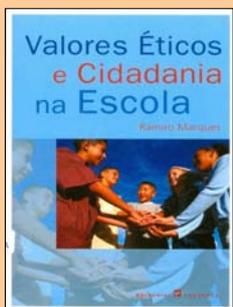
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



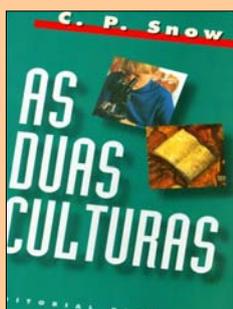
À Minha Filha em França...



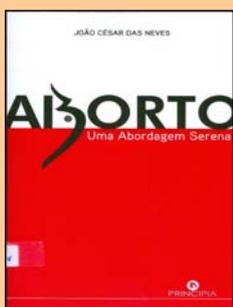
O LIVRO DOS PROVÉRBIOS...



Valores Éticos e Cidadania na Escola



AS DUAS CULTURAS



ABORTO, Uma Abordagem Serena

Literatura & Liberdade

[P.01]

Tratou-se de *La Littérature en péril*, de Tzvetan Todorov (Paris, 2007) e de *L'Adieu à la Littérature*, de William Marx (Paris, 2005). Os títulos já falam por si: há, desde há alguns anos, a percepção de que o valor da literatura, na sociedade, é objecto de dúvidas, de interrogações. Já não é indiscutível que valha a pena estudar, conhecer, saber literatura. Eu creio que a ideia da literatura em crise não pode ser dissociada de uma outra ideia: a de que a própria sociedade humana, como nos habituámos a entendê-la, está em crise. São vários os motivos por que a literatura é hoje considerada de duvidosa utilidade e interesse.

Sob uma perspectiva economicista, é hoje tido por excessivo investimento (em tempo, recursos, dinheiro) o ensino da literatura, o valor dos livros, o estatuto de escritor ou de estudioso do fenómeno literário.

Do ponto de vista sociológico, a crise da literatura tem muito a ver com a oferta lúdica e cultural que o mundo moderno apresenta aos cidadãos: cinema, televisão, rádio, desporto, viagens, jogos de computador, música, discotecas, internet. O livro debate-se com o pouco tempo que resta – e, por menor não despiendo, com a falta de disposição para o dificultoso exercício da leitura.

“É o progresso”, dirão os optimistas ou os distraídos. Mas o problema está em que o fim do livro, a existir, significará mais um retrocesso que um progresso. A crise da leitura, como doravante prefiro chamar-lhe, é um problema de cariz civilizacional. Convido os que me lêem a fazer o exercício, simples mas prenhe de consequências, de imaginar um mundo sem leitores. Não é sequer difícil, se pensarmos em boa parte das pessoas que conhecemos.

Houve tempo em que saber literatura conferia prestígio. Isso mudou. Lembro-me de um primeiro-ministro, em visita a uma Escola, se gabar do facto de não saber quantos Cantos tem a obra

Os *Lusíadas* (de Camões); ou de um deputado que, citando os versos de *Mensagem* (de Fernando Pessoa), “Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena”, os atribuía “ao povo”.

Não está aqui em causa, sublinho, qualquer tipo de obrigação de os políticos ou governantes serem profundamente cultos, na área da literatura. É apenas a constatação de uma evidência: alguns dos nossos mais altos representantes valorizam pouco, na esfera das suas próprias vidas, essa área do saber e do conhecimento.

A leitura de um livro é um exercício superior da inteligência. Ao contrário de outras formas de expressão, em que o receptor se limita (quase) a *receber*, passivamente, com o livro há a necessidade inelutável de interpretação. O leitor arranca do enunciado sentidos, vozes, vidas, humanidade.

Acresce que a literatura – à semelhança de outras artes – é um modo de contactar com o Absoluto. Ora, mesmo os mais ferozes ateus dificilmente refutam a dimensão religiosa do ser humano. Somos mais que esta homeostática circunstância de comer, beber, dormir, cuidar da reprodução. Precisamos de outros mundos. Precisamos de ideais. Precisamos de acreditar. Precisamos de sonhar. E precisamos de aumentar a consciência do que somos e do que, enquanto raça não apenas animal, queremos ser. A literatura, escrita e lida, tem tudo a ver com isso.

É curioso o facto de as religiões assentarem sobre livros. Os chamados “livros sagrados”. É na leitura destes livros que os crentes procuram orientações, luzes, consolação, esperança, verdade. Ora, estes livros estão cheios de ambiguidades poéticas, de conotações, de polissemia. Por isso é tão importante a interpretação, idealmente conhecedora, idealmente competente, idealmente autorizada. No caso da Igreja Católica, é função do padre, durante a homilia, iluminar os sentidos essenciais do texto bíblico.

Gostaria de extrapolar. Creio que toda a leitura implica este mesmo esforço de reflexão, de atitude inteligente e interessada, de desa-

fio perante o texto. O livro parece dizer, a cada momento: “Atrave-te. Ofereço-te, em troca do teu tempo, revelações. Epifanias. Ofereço-te pedaços de Absoluto. Ofereço-te a divina possibilidade de saberes mais sobre ti.”

O livro e a leitura pertencem ao mundo que há entre o chão e o céu. Se lermos, e se formos tocados pelo que lemos, voamos. Do chão ao céu. Isto é: saímos da pobre mediocridade que somos antes de lermos. Entre o nada e a revelação, há aqui um ponte chamada linguagem.

A linguagem é, em boa medida, o que nos distingue dos outros animais. Falar de um assunto implica o complexíssimo processo de materializar (em sons, em sinais de escrita, em palavras, em frases) algo que é sobretudo abstracto. E perceber o que alguém nos transmite é talvez ainda mais difícil: obriga o receptor a, pela sinuosa estrada dos signos disponíveis, reconhecer a ideia, a emoção, o pensamento, a voz do emissor. Assim acontece este milagre de conversarmos com Camões, Pessoa, Shakespeare, Eça de Queirós, Ruy Belo, Sophia Andresen, Steinbeck, Garcia Márquez, Saramago. Os vivos e os mortos. Todos vivos, afinal, se os lermos.

O objectivo dos escritores, quando escrevem, é exprimirem-se. Mas dessa necessidade resulta o enriquecimento da própria linguagem humana. E do reconhecimento desse enriquecimento resulta que a humanidade se acrescenta, ela também, de linguagem.

Quando alguém, em seu ofício de escrita, oferece ao mundo mais versos, mais metáforas, mais histórias, mais dramas, mais comédias – há uma espécie de inauguração incompleta de um tesouro. Incompleta porquê? Porque falta que alguém leia (e, se possível, leia bem) esses textos para que os textos realmente funcionem. Para que os textos realmente existam.

A literatura é, por natureza, universal, se for boa literatura. Funda-se na experiência humana e estético-verbal de um escritor, mas ascende a enunciação de um absoluto, que ilumina a própria raça humana.

[P.11]

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades

[P.10]

As dores, os sonhos, as razões, as dúvidas, as palavras de Camões – são as dores, os sonhos, as razões, as dúvidas e as palavras do leitor de Camões. De muitos leitores, de muitos séculos. E é por isso, por essa transtemporalidade e por essa universalidade, que ler é uma experiência tão profundamente humanista.

Jorge Luís Borges, extraordinário escritor argentino, falou muitas vezes desse lugar mágico que uma biblioteca é. Aqui, onde estamos, há centenas (talvez milhares) de homens e mulheres que reflectiram sobre as glórias e fragilidades da condição humana. Autores, poetas, dramaturgos, romancistas, pensadores. São decerto algumas das mais brilhantes almas que já existiram desde que há mundo. Ouçam-nos. Querem falar connosco. Querem revelar-se (e, revelando-se, ajudar-nos à descoberta de nós próprios). Mas precisamos do nosso tempo, da nossa paciência, da nossa entrega.

No dia 25 de Abril, completaram-se trinta e quatro anos sobre a data em que o Movimento dos Capitães trouxe a palavra Liberdade para as ruas. Eu defendo que a literatura é mais literatura se entendida à luz do significado profundo de liberdade. Pode viver-se sem liberdade? Pode, mas não seria bem vida. Pode viver-se sem literatura? Talvez, mas não seria bem vida.

Ouvi, há dias, o cantor basco Patxi Andion, numa breve entrevista televisiva, a falar sobre liberdade. Dizia ele, recordando o nosso 25 de Abril de 1974, que aquilo fora uma conquista, mas também que se tratava sempre de um começo, de uma tarefa por terminar. Tem razão o basco. Todos os dias é tempo de lutar pela liberdade, de a conquistar, de a merecer.

No concelho de Cabeceiras de Basto, há uma bela Biblioteca. A Biblioteca, como atrás se disse da liberdade, é um começo. É, agora, apenas um formoso edifício e uma colecção de materiais de cultura. Crescerá na medida em que consiga atrair mais leitores, mais regulares leitores, mais interessados leitores. Crescerá na medida em que, pela sua dinâmica, se assuma

como espaço vivo, polarizador e catalisador de actividades culturais válidas e dignas.

Eu acredito no futuro das bibliotecas. Desta e de outras.

Quando, perante a iminência do fecho de um hospital ou centro de saúde, as pessoas se revoltam, tal significa que as populações sentem o valor da saúde. Pergunto: e se, de súbito, as gentes do concelho de Cabeceiras de Basto soubessem que, por razões de mereceria orçamental, a sua Biblioteca teria de fechar?

A minha utopia (humanista) é esta: no futuro, perante essa possibilidade, haveria uma manifestação esmagadora e no "Jornal de Notícias", na primeira página, ver-se-ia um cartaz veemente: "A Biblioteca é do Povo!"

Os autores de *La Littérature en Péril* e de *L'Adieu à la Littérature*, que referi no início deste enunciado, têm razão para estar preocupados? Sim. A literatura está em perigo – e, com ela, a civilização humana como a entendemos. À sua preocupação junto a minha (de professor, escritor, amante dos livros de agora e do futuro). Mas eu tenho, por estes dias, uma boa notícia: há uma Biblioteca nova, no Arco. Recebeu o seu baptismo onomástico no mês mais bonito do calendário da liberdade. Foi, nesse dia 26, outra vez 25 de Abril.

A terminar: este meu texto só por impossibilidade física tem esta forma de folha impressa. Se estivesse em meu poder dar-lhe um corpo diferente, haveria a forma de um cravo de Abril. Ou talvez, perdoai, de um cartaz dizendo: "A Biblioteca é nossa! A Biblioteca é do Povo!"

Ribeira de Pena, Abril de 2008.

Joaquim Jorge Carvalho



Cansaço

O teu pensamento invade-me
Nos dias cinzentos.

A tristeza, a dor, o desdém,
Coisas que gritam mais alto,
Sentimentos que me imortalizam.

Sinto o cansaço percorrendo
o meu corpo.

O cansaço do teu olhar fusco, nublado,
O cansaço da água que escorre sobre
o meu rosto,

O cansaço dos lábios sem sabor,
Das palavras sem cor,
Nuas como a noite,
A quem eu abraço em silêncio
Sentindo o medo da escuridão.

Sim, eu desejo-te, Sol,
Desejo-te com toda a força
Que possuo dentro de mim.

Porque és tu a quem eu imploro
Todos os dias em que choro.

Tu, Lua, aliada dos sentimentos
imortais

Que desfazem o que há de bom
E me tornam num deserto,

És tu, quem me faz mergulhar
Sem saber a profundidade
E desconhecendo o teu fundo.

E és tu, Sol, quem dá sentido à vida,
Quem me ilumina,

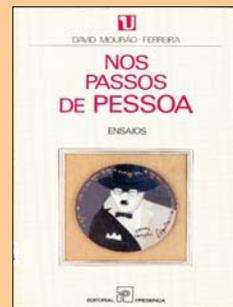
E o que de melhor guardo dentro
de mim.

Estende os teus braços e voa comigo.

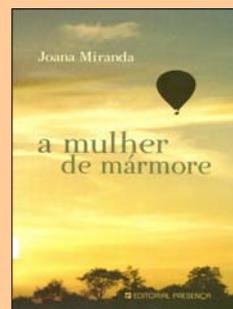
Os meus olhos estão cerrados
de desejo

E a lua está caminhando...

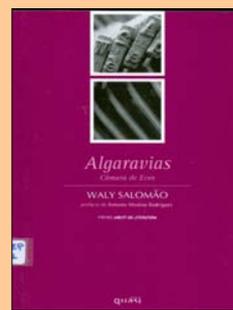
■ Mafalda Simões



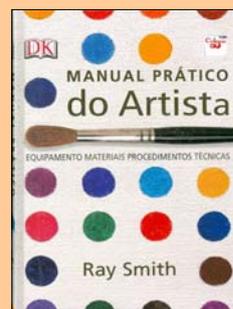
NOS PASSOS DE PESSOA



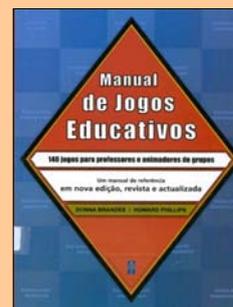
A mulher de mármore



Algarvias, Câmara de Ecos



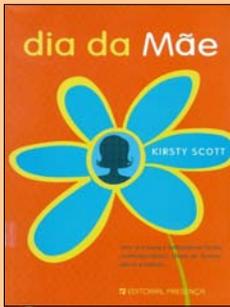
MANUAL PRÁTICO do Artista



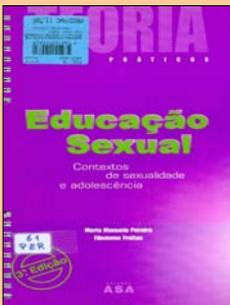
Manual de Jogos Educativos

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



Dia da Mãe



Educação Sexual, Contextos de...



CONHECER O JORNALISMO HOJE



PROBLEMAS DE FÍSICA E QUÍMICA



A PRINCESA QUE ACREDITAVA...

Quero

Quero olhar-me ao espelho,
Ver-me como o silêncio do mar
Calm, com ondas sussurrantes,
Ondas de mágoa, para eu
me afogar.

Quero ver-me liberta,
Quero ser a musa
Numa noite deserta.
Quero ser luz tão brilhante
Quanto aquela que te desperta.

Quero ser a ardente paixão,
Quero ser o lindo amor.
Quero beijos intermináveis
Até que meus olhos
Mudem de cor.

Quero apenas ser eu.
Perdendo-me, encontrando-me,
Saltando e caindo,
Vivendo e morrendo,
Tudo no mesmo instante.

■ Inês Dias

Minha Pátria

Portugal.
País sonhador,
País combatente
Pela paz e o amor.

É soldado, é armadura,
É o escudo e a lança.
É o sol que brilha
Enquanto a noite descansa.

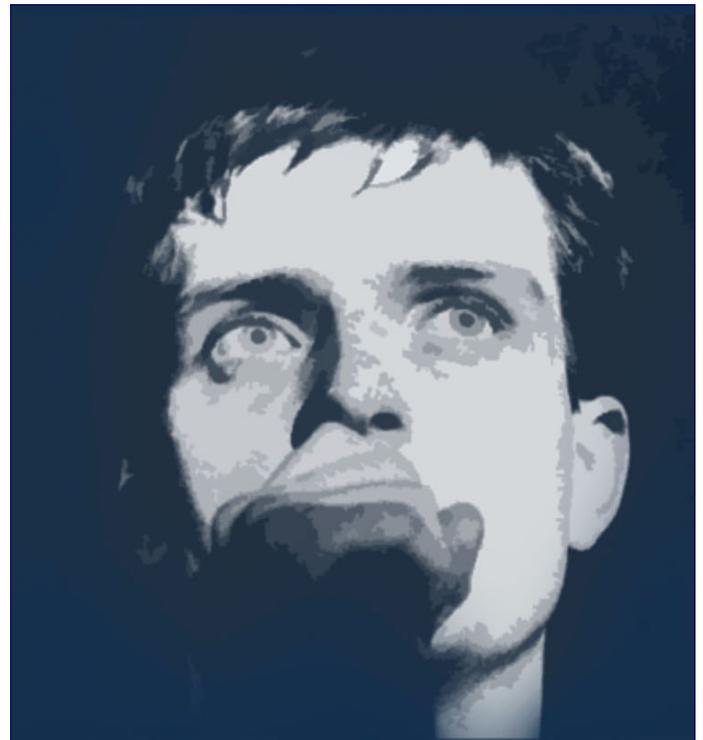
É a água cristalina
Do mar tenebroso,
Que a muitos levou a vida
Num passado glorioso.

Mas para que serve tudo isto
Se, no meio da confusão,

passado é vencido

morre na escuridão?!

■ Pedro Letra



No way out that I can see,
Conditioned - you,
Conditioned - me,
Who selects your destiny?

IAN CURTIS
1956/1980

Just who's in the chair,
To think for me to make me care -
Turn down the TV,
Turn down my pulse,
Control my heart,
The sound's too much.

O

E

■

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA

novidades

FELIZMENTE... HÁ POESIA!

«A homenagem a um Poeta [...] É decorar-lhe os versos!»

António Manuel Couto Viana

A ideia nasceu... porque a Poesia faz parte da nossa vida, porque está presente nas nossas leituras, nos nossos gostos, nas audições de discos, cantigas e canções...; porque continuamos a pensar que se trabalha pouco a/ com a Poesia (os programas escolares são em grande parte dominados pela narrativa), escamoteando-se o facto de que a Poesia é inegavelmente uma arte de reflexão e de acção e reacção individual. Afinal, a linguagem poética é a primeira que aprendemos, é aquela com que aprendemos o mundo e penetramos os dias...

Ao mesmo tempo a ideia foi proposta porque há uns anos que vimos coligindo informações sobre textos poéticos (em língua portuguesa) que foram depois musicados. A lista é assaz extensa e devemos dizer que o estilo musical *fado* é aquele que mais tributo presta à poesia portuguesa. A título de exemplo, era conhecida a predilecção de Amália Rodrigues pelos poetas que escreviam em Português. Também em abono da verdade, é importante dizer que, nos últimos anos, e pela influência do estilo *hip hop*, que recupera o poder da Palavra (como já defendemos noutros textos), foram apresentados alguns projectos de música jovem sobre textos de autores portugueses. Citam-se, como exemplo, os álbuns *Linha da Frente* e *Composto de Mudança*.

Depois a ideia cresceu, visando uma sessão em que outras artes pudessem conciliar-se com a Poesia – da música à expressão corporal, do canto à dança, da declamação à expressão multi-média...

Neste interim, a ideia começou a pôr-se limites: queríamos sobretudo dar voz à Poesia, cujos autores tivessem feito do século XX a sua marca histórica (os programas também privilegiam os autores de épocas bem mais remotas); queríamos outrossim relevar autores não-canónicos, autores que estivessem a maior parte do tempo fora das antologias. Afinal, queríamos, principalmente, fazer viver palavras e de preferência palavras bonitas, palavras bem conjugadas...

Para que a ideia tomasse forma, fomos seleccionando textos e autores um pouco aleatoriamente, sem nos preocuparmos muito com uma temática agregadora. Quisemos, isso sim, um conjunto de textos agradáveis, significativos, com versatilidade artística, capazes de conjugar a animação e a sedução.

Por último, optámos pelo espectáculo de café-concerto, não só pela aproximação da arte e do público, mas também porque o café (espaço convivial) é local de importância notável na descoberta, no desenvolvimento, na procura de novos rumos para a poesia de língua portuguesa.

Assim, no dia 9 de Maio de 2008, a ideia concretizou-se: brindámos a comunidade educativa com uma torrente de versos espelhados/ espalhados pela música, pela imagem, pelo canto, pela dança, pela expressão corporal, pela voz... Nesse dia e durante duas horas, as palavras de André Sardet, António Manuel Couto Viana, António Ramos Rosa, Ary dos Santos, Carlos de Oliveira, Carlos Queiroz, Carlos Tê, Cassiano Ricardo, Catarina Furtado, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, João Carlos Reis, João Rui de Sousa, Joaquim Pessoa, Jorge de Sena, Jorge Palma, José Afonso, Leocádia Regalo, Manuel Alegre, Manuel da Fonseca, Maria Teresa Horta, MCisco, Mendes de Carvalho,

Natália Correia, Nuno Júdice, Pacman, Pedro Malaquias, Ruy Belo, Sérgio Godinho, Sophia de Mello Breyner Andresen, Vasco Cabral, Vasco Graça Moura, Vinicius de Moraes tomaram forma, tiveram vida.

E se as palavras foram importantes, notáveis também foram aqueles que lhes deram vida e substância: Ana Joel Pessoa, Ana Maria Jerónimo, Ana Maria Oliveira, Ana Mingatos, Ana Rita Silva, Ana Salomé Amaral, Anabela Silvestre, André Maia, Andreia Marques, Andreia Morais, Aurélio Malva, Bianca Miranda, Carina Carvalho, Carla Cristóvão, Carla Santos, Carlos Catarino, Carmo Teixeira, Carolina Valente, Catarina Almeida, Cristina Ferreira, Cristóvão Rosete, Dafne Rosado, David Rosete, Débora Mogadouro, Dora Gonçalves, Eva Rodrigues, Fábio Ramos, Francisco Rosete, Helena Salomé Fernandes, Inês Pronto, Inês Ribeiro, Joana Gouveia, Joana Grilo, Liliana Carvalheiro, Liliana Perez, Liliana Ventura, Luciana de Jesus, Luís Paixão, Luís Peralta, Márcia Monteiro, Margarida Pessoa, Margarida Vinagreiro, Maria João Silva, Marta Amaro, Marta Pratas, Mélanie Domingues, Miguel Moita, Milene Costa, Neide Bernardo, Nide Santos, Patrícia Oliveira, Patrícia Santos, Paula Oliveira, Pedro Lopes, Pedro Rodrigues, Raquel Gabriel, Rita Carvalho, Rita Temócio, Sandra Lourenço, Sara Figueira, Sara Mendes, Sara Pinto, Sara Santana, Sara Silva, Sara Ventura, Sónia Jesus, Soraia Carvalho, Soraia Loureiro, Teresa Cebola, Tiago Gonçalves, Tiago Marques, Vânia Macedo.

Felizmente... houve e há (quem goste de) poesia!!!

■ Paulo Melo



A FÍSICA em Banda Desenhada



Física e Química A



Malmequer, bem-me-quer...



PLANO OFICIAL DE...



Quatro amigas e um par de calças

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



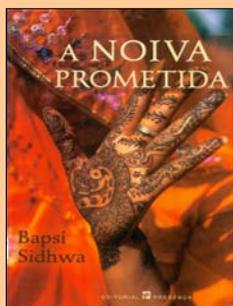
AS GRANDES RELIGIÕES DO...



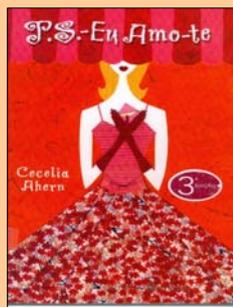
Estou-me nas Tintas para os Homens



A MULHER DE RENASCIMENTO



A NOIVA PROMETIDA



P.S. - Eu Amo-te

Diversidade Cultural e Globalização

Duas Realidades Compatíveis?

Prefácio

O Homem, a cultura e o mundo: três realidades interligadas. O mundo apresenta-se-nos como um lugar extenso. Esse lugar tem vindo a ser progressivamente ocupado pelo Homem ao longo da sua existência. Devido à sua vastidão, alguns povos ficavam muito distanciados em relação a outros, o que implicou uma separação quase total e um desenvolvimento muito distinto em vários aspectos.

Um desses aspectos é o cultural. Neste campo, verificamos que cada povo adoptava padrões específicos segundo os quais os seus membros, no geral, agiam, facto este que tornava a sua cultura única em relação às outras. Um dos factores que influenciaram essa diversificação cultural era precisamente a distância das comunidades em relação a outras e a dificuldades que surgiam aos níveis da comunicação e deslocação.

A Revolução Industrial veio, porém, encurtar gradualmente distâncias e tornar as fronteiras políticas cada vez mais difusas, especialmente com os avanços registados ao longo do século XX. Actualmente, podemos encontrar, à nossa volta, produtos oriundos dos mais diversos sítios: roupa da Espanha, bebidas da América, comida chinesa, jogos de vídeo do Japão, entre muitos outros exemplos.

A variedade de produtos disponíveis no mercado é apenas um exemplo de um fenómeno muito mais abrangente, que consiste numa crescente interdependência entre as nações, que estabelecem relações políticas e económicas com o intuito de se aproximarem e de integrarem, se bem que também podem existir conflitos pelo meio. Este processo é conhecido como globalização.

A cultura também não escapa à globalização, uma vez que hoje são partilhadas formas de ser e de estar que até há pouco tempo eram características de culturas ou povos específicos.

Teoricamente, é tudo muito bonito e até podia parecer que não existem problemas de maior. Mas, será que é mesmo assim? A globalização poderá ser responsabilizada por grandes preocupações actuais, nomeadamente a nível cultural?

Para elucidar um pouco mais este assunto, vou partir da análise de um filme bem recente, «Babel».

Babel: «Se queres ser compreendido, escuta»

Babel é uma longa-metragem que foi lançada nos grandes ecrãs em 2006, sendo o seu realizador o espanhol Alejandro González Iñárritu, e cuja acção se desenrola simultaneamente em três espaços principais: Marrocos, Japão e México.

Marrocos: uma angústia de morte
A primeira história passa-se em Marrocos, onde um casal americano, Richard (Brad Pitt) e Susan Jones (Cate Blanchett), tinha decidido passar férias. Enquanto iam numa viagem de autocarro, com um grupo de turistas, Susan é atingida por uma bala proveniente do monte mais próximo, que tinha sido disparada por Yussef (Boubker Ait El Caid) que, juntamente com o seu irmão Ahmed (Said Tarchani), estivera a testar o alcance do novo rifle que o pai tinha adquirido recentemente.

Em estado crítico, Susan é transportada para a aldeia com assistência médica mais próxima, onde conseguem minimizar o seu risco de vida. À medida que o tempo passa, Richard faz chamadas telefónicas para saber da ambulância que acabaria por nunca chegar, ao mesmo tempo que tomou conhecimento da partida do seu autocarro. Ficou com ele Anwar (Mohamed Akhzam), guia do autocarro, até o helicóptero que iria transportar Susan e Richard para o hospital ter chegado.

Uma vez no hospital, Susan é operada com sucesso e é-lhe dada alta uns dias depois.

Entretanto, os dois rapazes, tendo na consciência aquilo que tinham feito e sabedores de que a polícia andava por perto à procura dos culpados, decidem confessar ao pai.

Depois de tê-los ouvido, saiu de casa com eles, levando o rifle. No caminho, a polícia encurralou-os e abriu fogo sobre eles, ferindo Ahmed na perna. Em resposta, Yussef atirou sobre um dos polícias. Os oficiais, contudo, não cessaram fogo, e voltaram a ferir Ahmed. Perante isto, Yussef destruiu o rifle e entregou-se à polícia, pedindo assistência para o seu irmão.

Japão: Desejo sexual ou de ser compreendida?

No outro lado do mundo, vive, em Tóquio, com o seu pai, Yasujiro (Koji Yakusho), Chieko (Rinko Kikuchi) uma adolescente rebelde e surda traumatizada pelo suicídio da sua mãe e com um complexo de inferioridade relacionado com a sua deficiência. Mantém uma relação distante com o seu pai e mostra um comportamento sexualmente provocatório, não sendo bem sucedida, porém, ao tentar seduzir o seu dentista. Mais tarde, é interpelada por dois detectives, que andam à procura do seu pai. Um deles, o detective Kenji (Satoshi Nikaido), desperta o seu interesse.

Sai com um grupo de amigos; volta para casa algum tempo depois, desapontada por não ter tido a atenção que queria. Convida então o detective Kenji, ao qual conta detalhes do suicídio da sua mãe, pois pensa que é por isso que andam à procura do seu pai. Antes de ele se ir embora, tenta seduzi-lo, sem resultado, com o que fica desconsolada e o detective ficou mais um pouco para acalmá-la.

Quando este estava já para sair do prédio, encontra Yasujiro, ao qual pergunta se o rifle que esteve na origem do incidente em Marrocos tinha sido mesmo uma oferta, pois em tempos lhe pertencera. Por último, apresentou as suas condolências pela sua esposa e pela forma como tinha morrido, ao que Yasujiro respondeu que não se tinha atirado da varanda, mas sim dado um tiro na cabeça. Depois de ter sido corrigido, o detective Kenji retirou-se, quando Yasujiro encontrava a sua filha nua na varanda e vai reconfortá-la.

México: uma decisão revolucionária como poucas

Voltando à família Jones, enquanto os pais iam de férias, os filhos, Mike (Nathan Gamble) e Debbie (Elle Fanning), ficaram em casa com Amélia (Adriana Barraza), que decidiu levá-los com ela para México e assim assistir à boda do seu filho, visto que o inconveniente surgido em Marrocos impedia os Jones de voltarem normalmente. Tendo feito a viagem com o seu sobrinho Santiago (Gael García Bernal), passaram o dia todo no México, pois a festa estendeu-se por largas horas. No entanto, Amélia não quis ficar para descansar e voltou com Santiago, que estava embriagado.

[P.15]

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

[P.14]

Na fronteira, foram detidos e inspeccionados, até que Santiago perdeu o controlo e acelerou, levando a polícia a persegui-lo. Vendo a situação em que se encontravam, Santiago deixou a Amélia e os miúdos no deserto, no qual estiveram o resto da noite e parte do dia, até que Amélia os deixou ao pé de uma árvore para poder procurar ajuda. Encontrou um polícia, que a prendeu e foi logo à procura das crianças, das quais só se teve notícias mais tarde.

Amélia, entretanto, devido à sua condição de ilegal, foi deportada nesse mesmo dia.

Apreciação crítica

Problemática de Babel

O filme essencialmente mostra, através de situações que ocorrem em distintas partes do globo e da intervenção das pessoas directamente envolvidas nas mesmas, a magnitude da globalização do mundo presente. Associado a este fenómeno, encontra-se a convivência a que as diversas culturas se vêem cada vez mais forçadas, quer de modo temporal quer de uma forma mais permanente e as possíveis implicações que podem advir desse convívio, podendo atingir uma escala previamente impensada.

De que forma reagem as personagens ao problema denunciado no filme?

Durante a longa-metragem, observa-se, de facto, imensos exemplos dos efeitos da globalização, que vão desde o aparecimento de marcas como a Coca-Cola, McDonald's ou Apple, de origem americana e difundidas pelo mundo, sendo possível observar alguns dos seus produtos nos distintos países que serviram de espaço para a acção, até à deslocação relativamente facilitada das pessoas com possibilidades para o fazer, fosse para o país vizinho, como no caso da Amélia e dos miúdos para México, como para outro continente, como no caso dos Jones e dos turistas que seguiam com eles no mesmo autocarro.

Resultantes destas deslocações e, logo, do contacto com as pessoas oriundas desses lugares, constata-se comportamentos de estranheza e receio em relação às pessoas e aos costumes manifestados, como no caso dos filhos dos Jones quando chegaram a México e os incitaram a conviver com as outras

crianças, ou da atitude de Mike quando testemunhou a decapitação de uma galinha feita por Santiago com as próprias mãos ou enquanto a festa se prolongava, na qual se sentia como um autêntico estranho. O receio dos habitantes locais também é tangível nalguns dos turistas em Marrocos, que acham que as suas vidas correm perigo pelo simples facto de estarem parados numa aldeia estranha de um país do qual nem sequer conhecem a língua. Noutra dos casos, onde é possível distinguir uma posição rebaixante é nos noticiários aquando da reportagem do atentado sofrido por Susan Jones, tendo apontado para terroristas como os seus autores, uma vez que a vítima era americana, quando toda aquela confusão teve origem num acto irreflectido de dois rapazes que moravam nas redondezas do local do incidente.

Por outro lado, destacam-se também alguns habitantes da aldeia, que se dispuseram a ajudar Richard a cuidar da sua mulher ferida, como Anwar, que lhes ofereceu a casa da sua avó enquanto a assistência médica chegava e foi intérprete do Richard quando foi preciso, a própria avó de Anwar, que ajudou a acalmar Susan e fez o que lhe era solicitado e, ainda, o veterinário, sem o qual Susan não teria chegado a sobreviver. Referência ainda para Yasujiro, pai de Chieko que em tempos viajara enquanto caçava, simpatizando com um marroquino, ao qual vendeu o rifle que viria a causar o incidente.

Um golpe ao etnocentrismo

As primeiras atitudes abordadas no tópico anterior enquadram-se nas características do etnocentrismo, posição que todos nós chegamos a adoptar, mais ou menos, conforme o nosso contacto com outras culturas e o nosso grau de aceitação (ou rejeição) no espaço em que vivemos.

Esta posição tem repercussões que por regra não consideramos muito positivas, mas antes é preciso clarificar o seu significado. O etnocentrismo assenta na tendência dos sujeitos em considerarem a sua cultura a cultura, como se a mesma fosse uma dimensão natural ao Homem e não artificial, na medida em que não faz parte da nossa componente biológica, considerando as restantes culturas como inferiores e emitindo juízos de valor em relação às suas práticas, tendo por base padrões culturais próprios.

O etnocentrismo é problemático a partir do momento em que esses juízos de valor são usados para impor uma cultura a outra, normalmente a dominante sobre a minoria; em poucas palavras, promove a assimilação, podendo resultar disto atitudes condenáveis como o racismo, a xenofobia, patriotismo/nacionalismo exacerbados e a aculturação, as quais contribuem para a desagregação social.

Tendo estas consequências presentes, porque é que tomamos uma atitude destas? Não pretendemos viver numa sociedade pacífica e justa, onde todos possam relacionar-se de modo aceitável? Não seria melhor para nós todos assim, uma vez que não conseguimos viver isolados num mundo cada vez mais estreito? E se não for esse o caso, para quê perder o tempo na promoção de valores como a igualdade e o respeito?

No fundo, as pessoas são etnocêntricas porque, desta forma, se sentem inseridas, aceites no grupo de que fazem parte, reforçando assim a sua identidade cultural, que é precisamente o sentimento de pertença de um indivíduo em relação a uma comunidade, que desenvolve adoptando os padrões de cultura dessa comunidade, o que o leva a partilhar valores, regras, formas de ser e de estar.

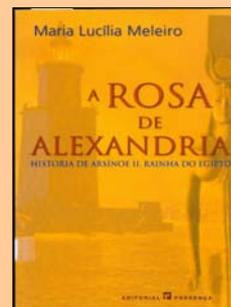
Esse desejo de conservar a identidade cultural é compreensível, contudo, o convívio com outras tradições, outros costumes, outras formas de estar na vida não é forçosamente sinónimo de perda da identidade, antes deve ser olhado como um benefício, uma vez que nos ajuda a melhor compreender o outro e pode vir a tornar-nos pessoas melhores se soubermos definir quais as melhores características de cada uma e as conseguirmos aplicar na nossa vida.

Até aqui, tudo bem. Não devemos emitir juízos de valor sobre as outras culturas e tentar logo impô-los acima das restantes como se não recebessem também o nome de cultura, mas então, como é que fazemos para poder conciliar a nossa com as outras, sem favorecer uma ou outra? Não parece ser uma missão grande de mais, a de considerar todas as alternativas que cada cultura possibilita com equidade, antes de poder tomar uma decisão?

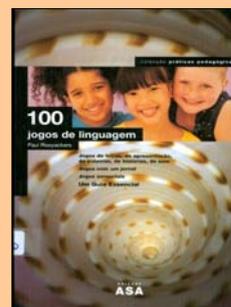
É verdade que o panorama não se apresenta fácil. Mas, como o lema do filme diz, *se queres ser compreendido, escuta.*

[P.16]

novidades



A RODA DE ALEXANDRIA



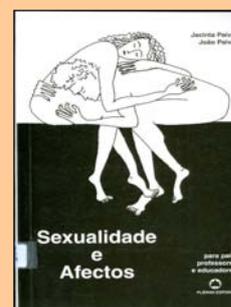
100 jogos de linguagem



A Sociedade da Exclusão...



CIÊNCIA, RELIGIÃO E BIOÉTICA...



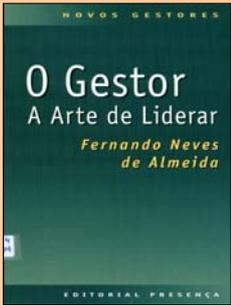
Sexualidade e Afectos

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



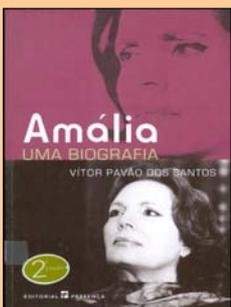
A INFÂNCIA RECUPERADA



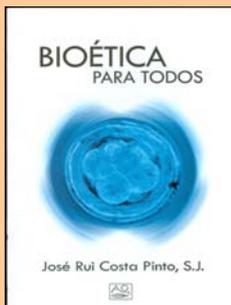
O Gestor, A Arte de Liderar



BIOÉTICA PARA AS CIÊNCIAS...



Amália, UMA BIOGRAFIA



BIOÉTICA PARA TODOS

Diversidade Cultural e Globalização

Duas Realidades Compatíveis?

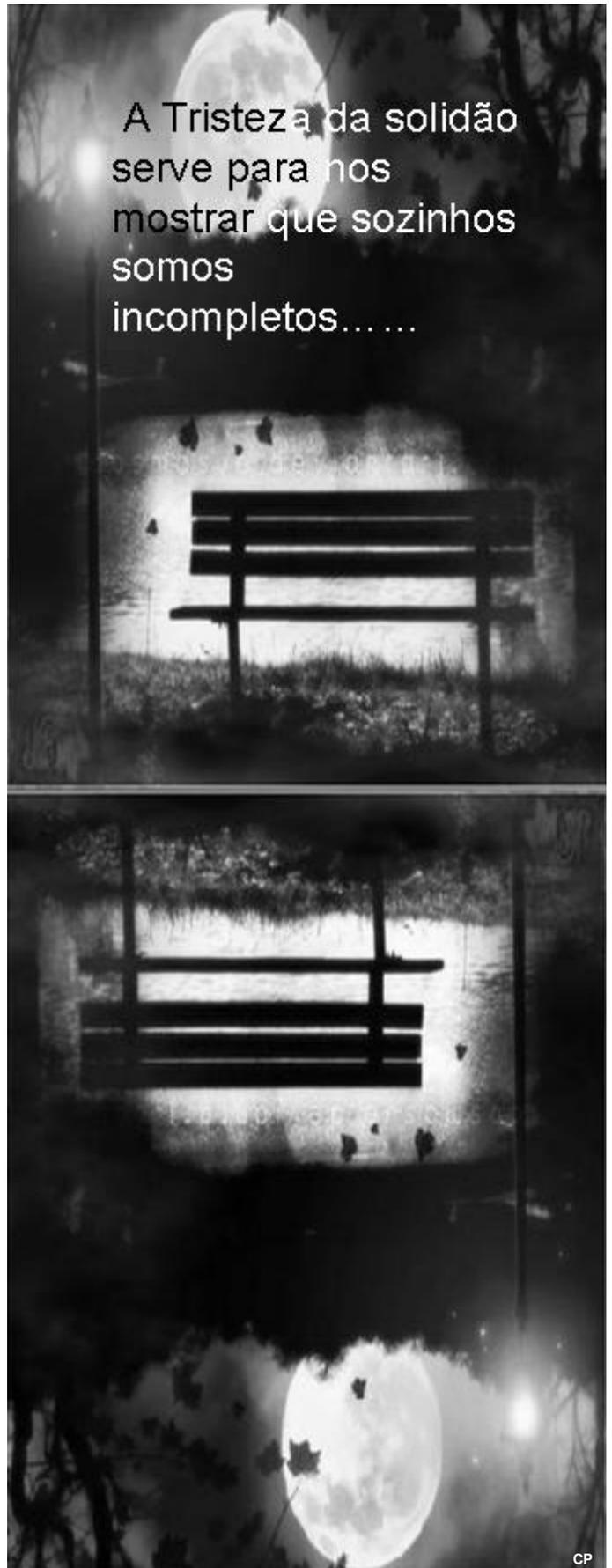
[P.15]

Esta proposta tem como objectivo fomentar o diálogo, o qual só é produtivo se pusermos de lado os nossos preconceitos, ouvirmos com atenção aquilo que o outro tem para nos dizer, para depois submeter essa informação a uma avaliação crítica e assim poder salientar, simultaneamente, aspectos admiráveis e os que puderem ser corrigidos. Para esta hipótese ser sequer viável, é necessária a existência de valores comuns e a noção de respeito mútuo. É esta a atitude de Anwar em relação a Richard, a qual não só o ajudou nesse momento de grande angústia, mas também se interessou pela sua família, nomeadamente pelos seus filhos, quando a ocasião o proporcionou (se bem que se lhe atribui um juízo de valor com base na sua cultura quando disse *You should have more.* – devias ter mais [filhos]). No que toca a tomar decisões com base em todas as culturas, as mais importantes estão nas mãos do Estado e, naquelas que se advêm de um convívio mais directo, deve procurar tomar-se a decisão que possa prejudicar o menos todos os eventuais afectados, enganando-nos muitas vezes pelo meio, pois nem sempre controlamos todos os factores que podem fazer com que uma acção seja fiel reflexo da sua intenção.

O diálogo é a atitude na qual as instituições internacionais estão a apostar mais hoje em dia, pois os benefícios de um entendimento verbal podem ser inúmeros, quanto mais não seja, o impedimento de conflitos armados. Para que funcione a longo prazo, é preciso cultivar valores como a paciência, a tolerância e o respeito.

Desta forma, assumo-me como partidária do diálogo e contra o etnocentrismo quando este constitui um obstáculo para a convivência social.

■ Martinique Nunes



DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades

**INTERESCOLAS
– NO PALCO DO DIÁLOGO**

Os Jogos Interescolas são uma iniciativa da Câmara Municipal de Cantanhede que contam com a participação das várias escolas do concelho. O festival inclui a vertente desportiva, que decorre por modalidades, durante a semana, em cada uma das escolas aderentes; e a vertente cultural, que culmina o festival, no último dia da semana.

No presente ano lectivo, o sarau cultural dos IX Jogos Interescolas teve lugar no dia 11 de Abril, no Pavilhão Marialvas, sarau em que, durante 20 minutos, cada escola desenvolveu um tema comum, recorrendo às mais variadas formas. O tema proposto para desenvolvimento era **“A Terra – palco de diálogos interculturais”**.

A Escola Secundária de Cantanhede actuou em segundo lugar e apresentou ao público presente um conjunto de alegorias sobre o referido tema. No desdobrável distribuído na altura, ficou registada a seguinte sinopse:

“A Escola Secundária de Cantanhede vai apresentar um conjunto diversificado de acções expressivas – gestuais, corporais, verbais, musicais, plásticas, coreográficas... – procurando uma simbiose temática onde pontificam as suas preocupações diárias com a Terra e com o Homem (na sua diversidade) e com a Cultura, relevando também a figura impar do Padre António Vieira, também ele um defensor da exaltação do Homem na Terra.”

No início, foi apresentada um exercício de expressão corporal, simbolizando uma história da Terra, dos Homens e da relação entre eles, expressão essa pontuada com citações do Padre António Vieira, a saber:

«O mais notável nascimento que houve no mundo foi o do mesmo mundo»;

«No princípio do mundo [...] por que não havia guerras? Porque usavam os homens da terra como do céu. O sol, a lua, as estrelas e o uso da sua luz é comum a todos e assim era a terra no princípio; po-

rem, depois que a terra se dividiu em diferentes senhores, logo houve guerras e batalhas e se acabou a paz»;

«Portugueses na Europa, portugueses na África, portugueses na Ásia, portugueses na América [...] E por quê? Porque esta bênção, esta herança, este morgado, este património, era só devido aos Portugueses, por legítima sucessão de pais e avós».

O segundo momento da performance foi constituído por uma saudação da Escola, feita em Português, Francês, Inglês, Alemão e Romeno.

Em seguida, foi apresentado um momento de expressão coreográfica, baseado em diversos ritmos de essência étnica.

Para mostrar a apetência portuguesa para o diálogo intercultural e interétnico, foi cantado um poema de Joaquim Pessoa: *“Nasceu a primeira mulata”* [ver caixa].

A performance terminou com uma outra expressão coreográfica, desta vez com ritmos e melodias de criação artística mais personalizada.

A performance foi concebida pelos docentes Maria do Carmo Teixeira e Paulo Correia de Melo; mas mais importante do que isso foram os alunos que deram corpo e expressão à ideia e que representaram notavelmente a Escola Secundária de Cantanhede.

Porque o reconhecimento também se pode fazer com a nomeação, aqui ficam, para a posteridade, os nomes dos nossos brilhantes artistas: Maria Soares, Márcia Monteiro, Neide Bernardo, Diana Santos, Ana Filipa Ferreira, Fábio Ramos, Diogo Marques, Jessica Salvador, Ana Amaral, Bianca Miranda, Soraia Carvalho, Diana Oliveira, Sara Reis, Tiago Marques, Débora Mogadouro, Alexandru Mirou, Raquel Carvalho, Tiago Neves, Ana Mingatos, Nide Santos, Luís Paixão, Pedro Lopes, Helena Salomé Fernandes, Sara Jorge, Eva Rodrigues, Ana Rita Silva, Inês Pronto, Rita Temócio, Catarina Almeida, Pedro Rodrigues, Soraia Loureiro, Vânia Macedo, Andreia Morais.

■ Paulo Melo

**NASCEU
A PRIMEIRA MULATA**

Minha negra branca
Minha branca alma
Minha pele tão negra
Minha branca corça
Minha ideia força
Foste a minha entrega

Ó meu mar, meu amor, meu calor
Que me queima em alarde
E que dura até tarde
Ó meu ventre, meu cáldo corpo
Nem exausto nem morto
Minha água que arde
Que selva ou semente eu deixei
Em seu corpo tão livre
Se é um filho eu não sei
Se eu soubera que um filho fizera
Decerto merecera,
Ó meu Deus, ó meu rei

Num sorriso é preciso partir
Mas partir é voltar
Pois morrer é ficar
Quero o mar, o amor, a lonjura
Quero a minha aventura
Outra vez navegar
Quero o encontro da pele e do riso
É de amor que eu preciso
Dessa cor que sonhei
Este sonho de branca vontade
Ou de negra saudade
Se é dum filho eu não sei

Joaquim Pessoa

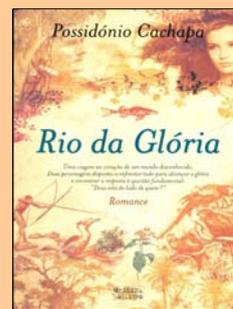
Rosa

Rosa sem laço, nó
ou guita...
rosa sem fita,
enfeite, fantasia, rosa só...

Rosa catita,
quente, bonita...

E eu penso cá p'ra mim:
“É rosa... mais rosa assim...”

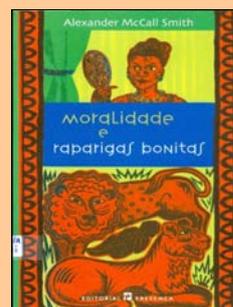
■ Sofia Cartaxo



Rio da Glória



EDUCAÇÃO PARA UMA...



Moralidade e raparigas bonitas



A Minha Escola é Muito Louca!



As francesas não engordam

novidades

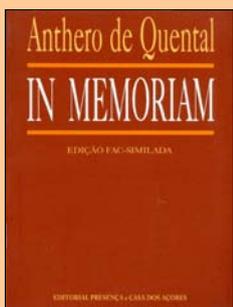
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



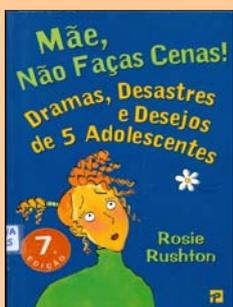
AMOR é uma palavra de quatro letras



UM LUGAR MÁGICO



IN MEMORIAM



Mãe Não Faça Cenas! Dramas,...



TER OU SER?

Fúria

Obrigarem-me a escrever a esta hora da manhã é como atirarem-me letras com o peso de pedras que me ferem o corpo.

Escrever para quê?! Para fugirem de mim palavras que me fazem mal, quando, afinal, não quero que ninguém veja tal fuga? Isso irrita-me. Irrita-me o modo como as estúpidas palavras me atingem, me fazem estremecer, e depois tenho de as escrever na expectativa de elas se soltarem de mim e viajarem para longe, sem regressarem mais.

São palavras que me criticam, me apontam o dedo e me fazem chorar. Lágrimas de fúria, que pesam e eu suplico que cessem. Os meus olhos que se fechem!

Paz por uns momentos.

Mas a fúria ri-se de mim e está prestes a voltar.

■ Inês Henriques

A palavra

A palavra é o sal da vida. Sem ela, como fariamos a ponte entre os povos, as ilhas e os mares?

A palavra pode ser amizade, solidariedade, criatividade, amor, ou mesmo ódio.

E se casarmos a palavra com a música? Canções! Canções barulhentas e canções calmas... São palavras musicais!

A palavra tanto pode ser uma arma na luta pela liberdade, como uma flor que se oferece em cada dia.

Palavras ferozes, revoltantes, capazes de rasgar qualquer folha de papel.

Palavras doces, meigas, reconfortantes, que se oferecem com um sorriso nos lábios.

Podia haver tintas de mil cores, lápis, canetas, computadores. Mas, sem a palavra, nunca poderia ter escrito este texto.

■ Rita Cruz



Joana Santos 12.º AV

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



eu vi a luz, sim, eu vi a luz...

A vida é um rio...

A vida é um rio de oportunidades que passam: assim que se aproximam, tentamos pescá-las. Uma são como pequenos peixinhos, fáceis de agarrar; outras, autênticos tubarões, não tardam em escapar, mesmo quando nos nossos sonhos parecem garantidas.

O maior problema neste rio é a injustiça: de vez em quando, lá vem alguém para levar o que pensamos ser nosso. O pior de tudo é que, enquanto uns não têm mais do que pequenas canas, outros usam enormes redes de malha apertada, sendo difícil que algo lhes possa escapar.

Se eu fosse dono dessa tal loja universal onde são distribuídos os utensílios de pesca, todos teriam canas iguais.

Seria tão bom partilhar o nosso rio sem esta luta constante de ter o melhor proveito, sem o medo de que nos roubem o que pescámos! Se isto acontecesse, até a água se tornaria mais límpida. Há duas coisas que podem fazer a água turvar: sentimentos negativos – tristeza, solidão, desencanto – e oportunidades perdidas.

Mas há certos dias maravilhosos, em que o Sol dá uma ajudinha e tudo se torna mais claro. Esses são os melhores momentos para desembarcar neste rio, quer para a foz quer para a nascente. Mas, apesar de o primeiro caminho ser mais fácil, é da nascente que vêm as oportunidades.

Bem sei que a vida não é perfeita, nem pode sê-lo; sei também que nunca há-de ser justa; só queria que a água corresse mais lentamente.

Há tanto que fica por apreciar, saborear...

■ Guilherme Silva



Gestão de Recursos Humanos Para...



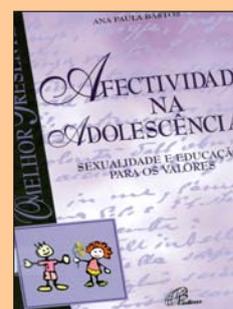
O MISTÉRIO DO QUADRO...



A Desqualificação Social



MANUAL DE SOCORRISMO NA...



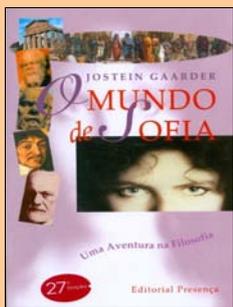
AFFECTIVIDADE NA ADOLESCÊNCIA,...

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



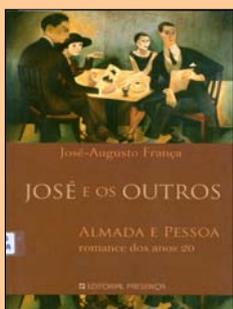
O DIÁRIO DE ZLATA



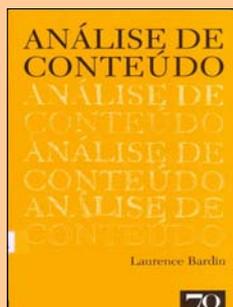
O MUNDO DE SOFIA



Olá! Está aí alguém?



JOSÉ E OS OUTROS



ANÁLISE DE CONTEÚDO

MULHER

Diffícil é saber
De que matéria és feita,
De que fibras te teceram,
De que flores te enfeitaram!

Mulher...
Qual enigma por decifrar,
Qual puzzle a construir,
Sempre renovado,
No cosmos do devir!

Mulher...
Tecedeira de ninhos de amor,
De casulos guardados à espera
Da Primavera para eclodir!

Mulher...
Quem não aprendeu a ler nas
páginas do teu livro
A palavra amor?
Quem não entendeu a tua poesia,
O teu canto, a tua guerra?

Mulher...
Que encontras na tua força
A coragem de revirar o mundo, a
vida,
A tua vida.

Mulher ...
Que ergues bandeiras
Em campos inimigos
E enterras a tua cruz
Na alma de cada dia que passa.

Mulher...
Conquistadora inequívoca
De cada espaço que ocupas,
Protagonista de aventuras,
Tantas vezes de asas cortadas...

Mulher...
Rodilha dos tempos de outrora e
de hoje!
Quem te não lembra?
Quem te não chora?
Quem te não sente?
Menina crescida
Que se esqueceu de ser gente!

■ Madalena Toscano



Renato Cavadas 12.º AV

DIVULGAÇÃO DE OUTROS EVENTOS



CONCURSO "CONTO E POESIA" ATRIBUI PRÉMIOS

O Departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN promoveu, no passado dia 11 de Abril, no seu auditório em Lisboa, a entrega dos prémios no âmbito do Concurso "Conto e Poesia".

A concurso estiveram 330 obras de 240 participantes – 163 em conto e 167 em poesia – autores provenientes de todos os distritos de Portugal, do Brasil, de França, do Reino Unido e da Suíça.

O júri, constituído por Urbano Tavares Rodrigues, José Carlos Vasconcelos, Domingos Lobo, Paulo Sucena e Fernando Gomes (em representação da CGTP-IN) decidiu, por unanimidade, a atribuição dos seguintes prémios:

- 1.º Prémio poesia – "Um Outro Livro de Job" de João Coelho
- 1.º Prémio conto – "Teresa" de Joaquim Jorge Carvalho
- 2 Menções Honrosas poesia – "25 Cravos de Abril" de Pedro Baptista e "Não há mais que Rostos Invisíveis" de Luís de Aguiar
- 3 Menções Honrosas conto – "Rica Vida" de Pedro Grilo, "Supostamente" de Maria Nunes e "Uma Borboleta de Olhos Tristes" de Rogério Ferreira

Os membros do júri sugeriram ainda, que, dada a qualidade dos textos, o plano da edição das obras incluisse, igualmente, os seguintes títulos:

- De poesia: "À Deriva" de Jorge Pereira, "Poemas da Manhã Clara" de Helena Coentro, "Pomba Negra" de Jefferson Rodrigues, "Sete Poemas em Tom de Cinza" de João Coelho e "Ascensão da Cultura Poética nas Sete Colinas" de Rubenita Rocha.
- De conto: "Guatemala Dreams" de Leonor Baldaque, "A Jura" de Maria Andrade, "O Cravo" de Luís Pinto, "A Entrevista" de Maria Ferreira e "Por Esta Ladeira Acima" de António Carvalho

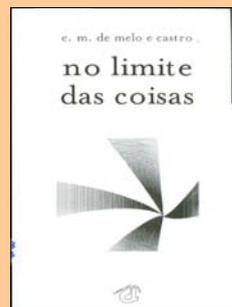
Na sessão de atribuição dos prémios, para além de uma recensão crítica das obras premiadas e da leitura de alguns sonetos, usou da palavra Manuel Carvalho da Silva, Secretário-Geral da CGTP-IN.

Texto&Fotos:
http://www.cgtp.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=895&Itemid=121 02/04/2008

novidades



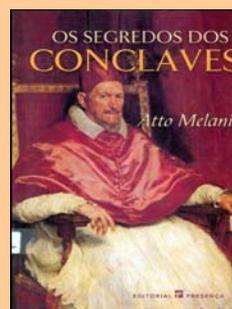
Eu, LEONOR TELES



No limite das coisas



TEORIAS DA COMUNICAÇÃO



OS SEGREDOS DOS CONCLAVES



As mulheres são simplesmente...

novidades

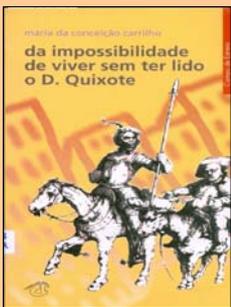
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



Perto da terra



OS 10 MANDAMENTOS PARA O...



Da impossibilidade de viver sem ter...



EU E AS MULHERES DA MINHA VIDA



Do Início ao Fim da Vida

[O texto a seguir transcrito foi concebido por seis pessoas – “escrito a 12 mãos” – com um desafio na sua base: continuar, de modo lógico, o texto recebido (uma vez que ele nunca era antecipadamente conhecido) e tentar engendrar uma circunstância difícil de ultrapassar pelo escritor seguinte.

A experiência de escrita (desafiadora) foi muito curiosa e, por isso, os autores resolveram utilizá-la na II prova das Olimpíadas de Português.

Dado que os autores são conhecidos (são professores da nossa Escola), convidamo-lo a descobrir que parte do texto foi escrito por quem. Envie-nos as suas respostas.]

COMPANHEIROS DE AVENTURA

O dia estava morno, mas agradável. Há semanas que não havia um dia assim. Os raios de sol oscilavam levemente a pele e as flores, ainda incipientes, exalavam um breve odor de cariz sensual.

Hermengarda, uma docente do grupo de Português, sentara-se perto da janela da sala de professores. Enquanto aguardava a entrada na aula seguinte, decidira reler aquele livro que tanto a perturbava. Estava sozinha e podia dar asas a esse devaneio. Começara a perambular os olhos pelas primeiras páginas, quando, de supetão, entrou na sala a professora Engrácia, a sua coordenadora e avaliadora. Hermengarda apenas teve tempo para um ágil gesto de escamoteação face à censura iminente. Olhou comprometida para a cara da sua “chefe”, ao mesmo tempo que malizia aquele rubor inoportuno que denunciava despudoradamente a sua atrapalhão.

Engrácia deu os bons-dias, esboçando um esgar que pretendia ser um sorriso, mas a Hermengarda pareceu uma horrenda careta. Esqueceu o livro e esperou que a sua interlocutora iniciasse o diálogo, já que não conseguia balbuciar uma palavra. Em breves segundos, veio-lhe à memória a imagem que tinha daquela colega, quando era só colega, e como a via agora, não conseguindo dissociá-la da sua

nova missão. Por mais que tentasse perscrutar-lhe os pensamentos, o seu semblante era apenas enigmático.

Estavam assim numa mútua observação involuntária, quando irrompeu pela sala a voz eficiente da D. Gertrudes, querendo saber se a Dr.^a Engrácia já tinha passado pela Secretaria a fim de receber as grelhas de avaliação. Esta seguiu-a, contrafeita, vergada sob a responsabilidade da função que o sistema lhe impusera.

Os lábios de Hermengarda foram insensivelmente assolados por um sorriso inconveniente de satisfação interior e o seu olhar brilhou de prazer antecipado ao pegar de novo naquele livro que a trazia há dias numa estranha perturbação.

Através da vidraça, o sol teimava de carícias e afagos sedutores, convidava à leitura e ao enleio na trama... da vida?! Há quantos anos conhecia Engrácia? “Sê bem-vinda!” rasgara um sorriso de sólida amizade e confiança por longas horas-dias de actividades e canseiras saboreadas na satisfação de realização pessoal e profissional... e o polegar atrevido abria sorratamente o livro esquecido no colo. Inadvertidamente, Luís António surge da página 157, tão elegante e *glamuroso* quanto irascível.

Tinha de ser ele! Logo ele que tanto se parecia com... E por que insistia agora este também em atormentá-la? Afinal nunca compreendera o seu propósito, nunca conseguira entender a origem daquela suspeita infundada, aquela discussão descabida.

Parecia que toda a gente se comprazia em infernizar a vida. Andariam todos tão agitados com o frenesim legislativo que se tinham tornado em autómatos? Onde estavam os seres humanos que sempre conhecera? Teriam sido substituídos por seres alienígenas da burocracia?

Voltou ao livro. A leitura sempre lhe dera a paz necessária para

esquecer as questiúnculas absurdas que lhe exauriam a fé e a esperança no ser humano. Os livros, os seus melhores amigos, companheiros de aventura, mistério e inquietação. Hermengarda gostaria mesmo de leccionar uma disciplina chamada Vamos Falar de Livros mas já sabia que nunca seria possível. Como seria a sigla? VFL?!...VAFALI?!... Não tinha hipótese. Com tal nome não tinha viabilidade.

A tentativa de mergulhar na leitura não se consumou, estranhamente, com o sucesso habitual, e o regresso à trama literária foi tudo menos pacífico, porque facilmente enredado pela teia de pensamentos abrindo teimosamente caminho em busca da bondade da sigla. Hermengarda deu-se consigo a repeti-la num persistente solilóquio, muito baixinho, muito *de vagarinho* – VFL...VFL...VFL...- e foi ganhando com ela uma tal familiaridade que, de repente, lhe pareceu tremendamente injusto abandoná-la, quando outras, bem menos interessantes (e lembrava o CNL, Componente Não Lectiva), tinham conquistado um lugar ao sol no retentivo horário semanal dos docentes do século XXI.

Afinal, o que teria o CNL a mais que o seu VFL?!...

Estava decidida. Habituada a resistir, jamais desistiria da maternidade da ideia que trazia consigo e assim continuaria em fase de gestação. Até lá, até dar à luz o projecto que a tomava, não precisaria de abdicar da entranhada paixão de falar de livros nas suas aulas, revendo-se orgulhosamente no slogan criado por uma das suas alunas concorrente às Olimpíadas de Português: “Os livros são um teatro de sentimentos”.

Clara Póvoa,
Carlos Catarino,
Esmeralda Rodrigues,
Leonor Melo,
Nídia Malheiro,
Paulo Melo

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



Vânia Fonseca 12.º AV

WAITER

Deus empregado de mesa
 Vem a mim e pergunta
 Se estou servido.
 Digo, diletante, que não
 E Ele toma nota do que quero:

Eu pedi-te.

À saída, percebe a minha
 satisfação
 Pelo volume generoso da gorjeta
 E vem confirmar se gostei do
 serviço:
 - Gostei muito, Senhor. Só é pena
 Demorar tanto tempo.

Ele encolhe os ombros, sorrindo:

- Tem razão. Aqui
 Obter o que se deseja
 Demora
 Uma eternidade.

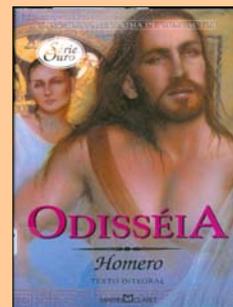
Joaquim Jorge Carvalho

O espelho

Todas estas pessoas, todo
 este ruído...
 Deixam uma sombra no meu
 espelho.
 É um espelho especial, único,
 Que expressa todo o meu reflexo.
 Vejo-me nele: olhos de carvão,
 corpo iluminado.
 Vês-me tu: o vazio, tudo calado.

Silêncio absoluto nos cantos do
 meu espelho
 E a mesma sombra não se
 faz mostrar.
 Pode ser que um dia se revele
 para ti
 E se torne numa chama,
 Para nos meus olhos brilhar.

■ Sara Gomes



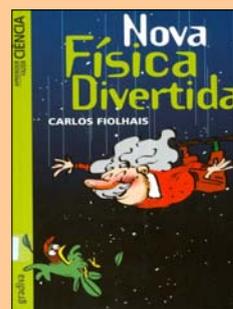
ODISSÉIA



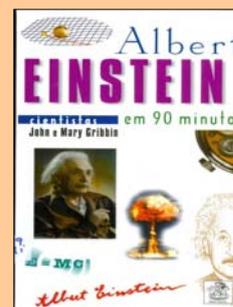
Ética da Sexualidade



Literacia Familiar, Ambiente ...



Nova Física Divertida



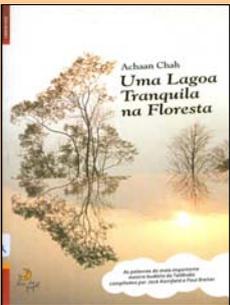
Albert EINSTEIN

novidades

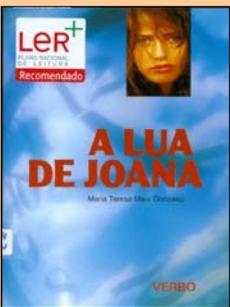
ESP@ÇO INTERNET: <http://www.biologia.pt>



JESUS Lava Mais Branco



Uma Lagoa Tranquila na Floresta



A LUA DE JOANA



VER, COMPREENDER, ANALISAR...



Educação Sexual, Fundamentos e...

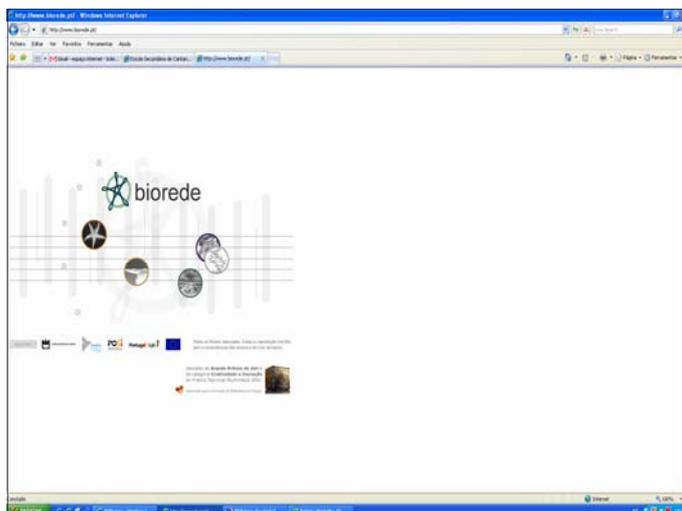


www.naturlink.pt

Trata-se do principal site Português sobre ambiente e gestão de recursos naturais, disponibilizando um vasto conjunto de serviços e informação direccionados para temas e problemas ambientais.

A sua actualização é diária e apresenta uma componente de lazer (Natureza e Ambiente, Lazer, Natureman, Som e Imagem), uma componente didáctica e técnica (Notícia, Investigação, Promoção de Produtos Florestais, Gestão de Habitat, Natur-Sites), uma componente de intervenção ambiental, e outra de serviços (Bolsa de Emprego, Consultor do Ambiente).

[acedido em 27/10/2008]



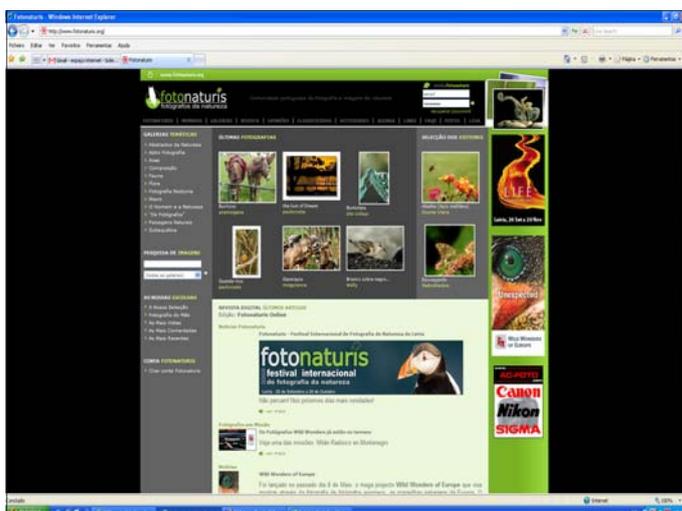
www.biorede.pt

Trata-se de um sítio da Universidade de Aveiro vencedor do Grande Prémio do Júri e da categoria Criatividade e Inovação do Prémio Nacional de Multimédia de 2001.

Divulga conteúdos relacionados com a biologia sobre diversidade animal ou vegetal e biologia molecular. Contém animações muito interessantes destes temas, assim como alguns resultados das investigações científicas.

Apresenta também uma secção reservada à caracterização do ecossistema da região de Aveiro, contendo Roteiros Ecológicos para percursos pedestres com a descrição de cada paragem.

[acedido em 27/10/2008]



<http://www.fotonaturis.org>

Trata-se de um portal criado por um grupo de fotógrafos portugueses da natureza que pretendem criar um ponto de encontro para todos os amantes desta vertente da fotografia, promover o trabalho dos fotógrafos portugueses e criar um local onde se forme uma crescente comunidade em torno desta fonte de informação actual.

Apresenta fotografias muito interessantes e organiza (e divulga) periodicamente exposições com alguns destes trabalhos.

[acedido em 27/10/2008]

■ **Luisa Rosado**

Estamos na Web!

www.esec-cantanhede.rcts.pt